



ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

KLISMAN DE OLIVEIRA

BOLSONARISMO: GUERRA DE NARRATIVAS

Caxias do Sul

2021

KLISMAN DE OLIVEIRA

BOLSONARISMO: GUERRA DE NARRATIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista.

Caxias do Sul

2021

KLISMAN DE OLIVEIRA

BOLSONARISMO: GUERRA DE NARRATIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo, da Universidade de Caxias do
Sul.

Aprovado em: ____/____/2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
UCS - Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves
UCS - Universidade de Caxias do Sul

Prof^o. Dr. Marcell Bocchese
UCS - Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho àqueles que, como eu,
acreditam obstinadamente na democracia.
Eu não poderia expressar-me sem ela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas e todos que fizeram e fazem parte da minha construção como indivíduo.

Aos meus pais, Sueli e Adão, que me ensinaram a estar preparado para encarar a vida.

A minha irmã, Kétlin, que faz com que eu compreenda o conceito de amor ainda que eu não consiga descrevê-lo.

Agradeço imensamente a cada professor da UCS com quem tive a honra de me relacionar, em especial a minha orientadora Maria Luiza, que me ensinou o caminho a ser trilhado para concluir este trabalho.

Não poderia deixar de agradecer às forças do universo, que, em algum momento, me apresentaram o jornalismo e a política. Eu não seria nada sem eles.

Gratidão aos meus amigos, companheiros, ex-companheiros e pessoas que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis.

À liberdade, fica meu eterno agradecimento.

“Apesar de você amanhã há de ser outro dia”.

Chico Buarque

RESUMO

O presente trabalho dedicou-se a analisar de que forma diferentes narrativas midiáticas apresentam o bolsonarismo no Brasil. Para compreendermos o fenômeno, discutimos aspectos históricos entre o jornalismo e a política, e, verificamos as contradições das narrativas que estiveram presentes em diversos períodos da história brasileira. Na sequência, caracterizamos o bolsonarismo e o apresentamos como fenômeno que redirecionou o Brasil. Por fim, realizamos o estudo de duas reportagens jornalísticas, veiculadas em dois meios de comunicação com perspectivas distintas: o *site* da rede de coletivos Jornalistas Livres e o *site* da Revista Veja. Para tanto, nos ativemos, principalmente, às ideias de Arendt (2002), Maitino (2020), Motta (2005) e Benjamin (1994). Os aspectos metodológicos utilizados na pesquisa se baseiam na Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014), que possui caráter qualitativo e possibilitou um estudo técnico, aprofundado e sem pré-julgamentos em relação ao objeto de estudo desta monografia. A pesquisa nos proporciona traçarmos paralelos entre o passado e a contemporaneidade, a fim de entendermos a posição das mídias ao narrar o bolsonarismo na atual conjuntura política.

Palavras-chave: Jornalismo; Política; Narrativas midiáticas; Bolsonarismo.

ABSTRACT

How different media narratives present the bolsonarismo in Brazil. To understand the phenomenon, we discuss historical aspects between journalism and politics, and verify the contradictions in the narratives that were present in different periods of Brazilian history. Next, we characterize the bolsonarismo and present it as a phenomenon that redirected Brazil. Finally, we carried out the study of two journalistic reports, published in two media with different perspectives: the website of the Jornalistas Livres collective network and the website of Revista Veja. To do so, we focused mainly on the ideas of Arendt (2002), Maitino (2020), Motta (2005) and Benjamin (1994). The methodological aspects used in the research are based on the Cartography of Knowledge, proposed by Baptista (2014), which has a qualitative character and enabled a technical, in-depth study without pre-judgments in relation to the object of study of this monograph. The research allows us to draw parallels between the past and contemporaneity, in order to understand the position of the media when narrating the bolsonarismo in the current political situation.

Key words: Journalism; Politics; Media narratives; Bolsonarismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ditadura Militar e a cobertura da <i>Revista Veja</i>	29
Figura 2 - Capas do <i>Jornal Pasquim</i> , opositor ao regime militar	30
Figura 3 - Capa da <i>Revista Veja</i> após o <i>Impeachment</i> de Dilma	31
Figura 4 - Capa da <i>Revista Carta Capital</i> após o <i>Impeachment</i> de Dilma	32
Figura 5 - Color, o caçador de marajás	38
Figura 6 - Pedro Collor denuncia seu irmão à <i>Veja</i>	40
Figura 7 - <i>Revista Veja</i> muda seu discurso	41
Figura 8 - <i>Revista Veja</i> apresenta o PT como partido radical	42
Figura 9 - <i>Revista Veja</i> se surpreende com a postura de Lula	44
Figura 10 - Artigo de Bolsonaro publicado na <i>Veja</i>	46
Figura 11 - Punição recebida por Bolsonaro no Exército	47
Figura 12 - Editorial do <i>Estadão</i> demonstra insatisfação com os candidatos	49
Figura 13 - <i>Istoé</i> demonstra preocupação com a imagem do Brasil no exterior	50
Figura 14 - Perfil de eleitores por religião nas eleições de 2018	55
Figura 15 - Pesquisa sobre o governo Bolsonaro	56
Figura 16 - Apoiadores de Bolsonaro pedem intervenção militar	57
Figura 17 - Deputada bolsonarista defende Ministro evangélico	58
Figura 18 - Vice-presidente e o regime militar	59
Figura 19 - Presidente Bolsonaro e o discurso hegemônico	59
Figura 20 - Brasil perde duas posições no ranking de liberdade de imprensa	61
Figura 21 - Orçamento para fiscalização ambiental e incêndios	62
Figura 22 - Multas aplicadas pelo <i>IBAMA</i>	63
Figura 23 - Bolsonaro participa de ato antidemocrático	64
Figura 24 - Trecho retirado da <i>Revista Veja</i> de uma fala de Bolsonaro	65
Figura 25 - Título e linha de apoio da reportagem do <i>site Jornalistas Livres</i>	67
Figura 26 - Título e linha de apoio da reportagem da <i>Revista Veja</i>	69
Figura 27 - Fotografia utilizada pela <i>Revista Veja</i>	70
Figura 28 - Fotografia utilizada pelo <i>site Jornalistas Livres</i>	70
Figura 29 - Trecho do texto retirado da Reportagem da <i>Veja</i>	72
Figura 30 - Trecho do texto retirado da Reportagem do <i>Jornalistas Livres</i>	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
2.1 PESQUISA QUALITATIVA	15
2.2 CARTOGRAFIA DOS SABERES	17
2.3 ESTUDO DE CASO	21
3 ASPECTOS HISTÓRICOS ENTRE JORNALISMO E POLÍTICA	22
4 AS CONTRADIÇÕES DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS EM RELAÇÃO À POLÍTICA	33
5 BOLSONARISMO: O FENÔMENO QUE REDIRECIONOU O BRASIL	52
6 ANÁLISE DE REPORTAGENS: O RETRATO DO BOLSONARISMO ATRAVÉS DAS MÍDIAS	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – PROJETO DE MONOGRAFIA	82

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a analisar o fenômeno bolsonarismo por meio de diferentes narrativas midiáticas. Nesse sentido, precisou-se compreender o posicionamento do jornalismo brasileiro no decorrer da história, bem como a maneira como são construídas as distintas narrativas jornalísticas que objetivam atingir determinados públicos. A grande mídia e a mídia alternativa desde suas origens cumprem com papéis opostos na sociedade. Enquanto a primeira possui uma forte relação com o conservadorismo, a segunda representa as forças progressistas no cenário político brasileiro. Nessa perspectiva, a ideia é analisarmos a relação de dicotomia que se originou a partir dos primeiros jornais brasileiros, para traçarmos semelhanças com o bolsonarismo na contemporaneidade.

A necessidade de compreender o bolsonarismo parte do pressuposto de que a correlação jornalismo-política exerce forte influência na vida dos brasileiros. O jornalismo e a política têm o poder de transformar a sociedade, e os atores que trabalham nesses meios de interlocução entre o poder e o povo precisam cumprir com suas incumbências, no sentido de fazer da sociedade um lugar mais justo e igualitário. Em ambos os casos, para que tenhamos a execução das funções de maneira responsável, não pode haver a dissociação do cerne da existência do jornalismo e da política: a relação com a comunidade.

O processo de escolha do objeto de estudo desta pesquisa sempre foi algo que me chamou atenção. A posição adotada pelo atual presidente da República tem relação direta com a vida das pessoas. Eu não poderia optar por pesquisar outra temática que não essa, que pode modificar a forma de como convivemos em sociedade. O jornalismo e a política não só dizem respeito a ideologias ou debatem se este ou aquele sistema econômico é o melhor para o País. O jornalismo e a política respondem diretamente aos cidadãos, se esses terão ou não o que comer. As ações dessas duas áreas estão diretamente ligadas a questões essenciais à sobrevivência. É nesse sentido que julgo de extrema necessidade compreendermos as características deste fenômeno.

Uma de minhas funções, como futuro comunicador, é tentar democratizar a informação, no sentido de que todas e todos tenham acesso ao mundo político. Percebo que um dos fatores pelos quais grande parte da população tem aversão à política é a forma sofisticada como a notícia vem sendo disponibilizada ao receptor,

por parte de alguns veículos. Vejo como essencial o papel do jornalismo, no sentido de traduzir as informações para que estejamos contribuindo para a formação de opiniões, de forma democrática e inclusiva. O jornalismo não pode ser um fator que fomenta a desigualdade no Brasil; logo, falar a partir de um lugar privilegiado, sem tentar alcançar as camadas mais pobres da sociedade, sempre me pareceu uma luta em vão.

Nas eleições de 2018, Bolsonaro se colocou como uma alternativa a tudo o que já se tinha conhecimento e utilizou, como base, os erros de seus adversários no passado. Muito embora Bolsonaro já tivesse uma história consolidada na política nacional, como vereador e deputado federal, ele conseguiu angariar as massas para chegar à Presidência da República, e é, nesse contexto, que surge o termo bolsonarismo, estudado nesta pesquisa.

As características que vamos estudar nos ajudam a tentar compreender a posição das mídias em relação a esse fenômeno. Ao longo de nossa história, passamos por períodos em que tivemos figuras tão populares como a do atual presidente da República e, dessa forma, também vimos emergir fenômenos oriundos de sua popularidade, como é o caso do getulismo e do lulismo, por exemplo. Entretanto, cada fenômeno carrega suas particularidades e, como não havia de ser diferente, o bolsonarismo possui as suas.

Um dos objetivos da pesquisa aqui exposta é verificar, por meio de reportagens jornalísticas veiculadas no *site* da Revista Veja e no *site* da rede de coletivos Jornalistas Livres, de que forma esses dois veículos de comunicação enxergam e, portanto, narram o bolsonarismo na atual conjuntura política brasileira. Desse modo, a questão que orienta esta pesquisa científica é: De que forma diferentes narrativas midiáticas apresentam o bolsonarismo no Brasil, considerando a análise da Revista Veja e a rede de coletivos Jornalistas Livres?

Para a construção da pesquisa, estipulou-se como objetivos específicos os seguintes itens:

- Discutir aspectos históricos entre jornalismo e política;
- Apresentar contradições nas narrativas jornalísticas em relação à política;
- Caracterizar o bolsonarismo e apresentá-lo como fenômeno que redirecionou o Brasil;

- Analisar duas mídias distintas que retratam o bolsonarismo na atual conjuntura política.

Para seu desenvolvimento, as estratégias metodológicas utilizadas se baseiam na Cartografia dos Saberes de Baptista (2014). Nessa perspectiva, a pesquisa passa por quatro diferentes processos que acontecem paralelamente: a trilha de saberes pessoais, a trilha de saberes teóricos, a pesquisa de campo e o estágio intuitivo, os quais serão apresentados com maiores detalhes em seu devido capítulo.

Para isso, foram utilizados, como principais referenciais teóricos de auxílio na análise dos objetos de estudo, o livro: *O cadete e o capitão de Luiz Maklouf Carvalho* (2019), que aborda o início da trajetória de Jair Bolsonaro como então capitão do exército até se tornar a figura pública de grande notoriedade nacional que é hoje. No âmbito da política, uma das obras mais influentes foi: *O que é política de Hannah Arendt* (2002), que aborda os objetivos da política dentro da sociedade e defende o pluralismo e a liberdade entre os indivíduos. Além dessa, outra obra de mesma autoria que utilizamos foi: *Origens do totalitarismo* (2013), que nos apresenta características dos governos totalitários (Nazismo e Stalinismo) e demonstra diferenças entre regimes totalitários e autoritários. Também foram utilizados, como referencial teórico para compreendermos as diferentes narrativas jornalísticas, o livro: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura de Benjamin* (1994) e *A análise pragmática da narrativa jornalística de Motta* (2005).

A pesquisa se desenvolve nos seguintes capítulos:

Inicialmente, tratamos da introdução da pesquisa e dos aspectos metodológicos que foram utilizados para a realização da mesma. Na sequência, abordamos de forma mais ampla, ainda nos referindo a aspectos metodológicos, a Cartografia dos Saberes de Baptista (2014) que é base para o desenvolvimento desta monografia. O terceiro capítulo discute aspectos históricos entre o Jornalismo e a Política e verifica-se, em alguns períodos, a relação da grande mídia e da mídia alternativa com governos da época. No quarto capítulo, apresentamos as contradições das narrativas jornalísticas presentes em diferentes veículos de comunicação. Inicialmente, averiguamos o posicionamento dos meios de comunicação em alguns períodos da história brasileira até chegarmos no

bolsonarismo. No quinto capítulo, passamos a caracterizar o bolsonarismo e apresentá-lo como fenômeno que redirecionou o Brasil, para, neste momento, conceituarmos o fenômeno e apresentarmos características por meio da visão de alguns autores. No sexto capítulo, analisamos duas reportagens jornalísticas que retratam o posicionamento da grande mídia e da mídia alternativa em relação ao bolsonarismo na atual conjuntura política. Nesse capítulo, foram examinados diversos elementos que compõem uma matéria jornalística para elucidarmos quais foram os objetivos dos veículos de comunicação ao narrar esse fenômeno.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentadas as escolhas metodológicas que utilizaremos no decorrer deste estudo. Veremos que as estratégias utilizadas para analisarmos aspectos desta monografia se diferem dos métodos tradicionais de pesquisa. A proposta cartográfica, desenvolvida por Baptista (2014) que será utilizada, nos proporciona uma análise ampla, em que o pesquisador constrói seu trabalho com a multiplicidade de ideias que surgem no decorrer do percurso. Nesse sentido, trataremos do caráter qualitativo que julgou-se pertinente utilizarmos para o desenvolvimento desta monografia.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA

A presente pesquisa foi feita com o intuito de analisar diferentes narrativas jornalísticas veiculadas em meios de comunicação igualmente diferentes, para que se tenha uma visão de como o bolsonarismo é visto no Brasil atualmente. Para isso, ela possui caráter qualitativo, uma vez que as matérias jornalísticas estudadas precisaram passar por um olhar mais profundo e técnico para que fosse possível tecer algumas conclusões a respeito do que foi investigado. “A pesquisa qualitativa estabelece para si outras prioridades. Aqui, em geral, você não parte necessariamente de um modelo teórico da questão que está estudando e evita hipóteses e operacionalização”. (FLICK, 2013, p. 23).

Para tanto, foi utilizada como estratégia metodológica a Cartografia dos Saberes (BAPTISTA, 2014), que consiste em um conjunto de saberes científicos que possibilita, ao pesquisador, uma aproximação maior com o seu objeto de estudo, assim como permite que esse guie sua pesquisa, respeitando seus saberes iniciais, considerando que ninguém escolhe um tema a ser estudado sem que se tenha alguma proximidade *a priori* sobre o assunto. Nesse sentido, também é dado ao pesquisador a liberdade de percorrer por inúmeras trilhas, considerando o seu conhecimento interior e o associando aos referenciais teóricos, para que se obtenha resultados significativos ao final da análise.

Ainda que seja dado ao pesquisador tal liberdade, a pesquisa não perde seu viés científico, uma vez que exige do pesquisador um estudo sem ‘pré-conceitos’ e sem pré-julgamentos. Não há objetividade total na pesquisa, mas também não se deve trabalhar com pressuposições rígidas. O pesquisador cartógrafo reconhece-se como sujeito do processo, mas busca o tempo todo ser criterioso e ético, para a

compreensão do fenômeno investigado. Nessa perspectiva, a análise torna-se muito próxima sob o ponto de vista de tudo o que a Cartografia dos Saberes permite ao pesquisador explorar.

Ao optar por uma abordagem qualitativa, a pesquisa tem o objetivo de esclarecer aspectos que não seriam possíveis de serem elucidados por meio de métodos matemáticos, posto que, ao analisar os objetos de estudo, a investigação responde qual o intuito do veículo de comunicação ao utilizar determinado termo, determinada fotografia, dar ênfase a certo adjetivo e assim por diante. À vista disso, Severino (2007) afirma que

Quando o homem era considerado como um objeto puramente natural, seu conhecimento deixava escapar importantes aspectos relacionados com sua condição específica de sujeito; mas, para garantir essa especificidade, o método experimental-matemático era ineficaz. (SEVERINO, 2007, p.118).

Desse modo, notamos que o autor faz referência a um método de estudo que se utiliza da matemática para que a pesquisa tenha caráter científico e, também, podemos perceber que em alguns casos - a depender do objeto de estudo analisado - esse método mostra-se ineficiente. Para responder à questão de como o bolsonarismo é retratado atualmente no Brasil através de diferentes perspectivas midiáticas, naturalmente, o método de análise quantitativo se mostraria inoportuno, uma vez que se precisou levar em consideração aspectos mais profundos e técnicos da narrativa e compreender questões específicas do objeto empírico de estudo.

Diante disso, a opção pela pesquisa qualitativa não ignora a importância da pesquisa quantitativa; entretanto, há de se levar em conta um importante fator no momento da decisão de escolha de uma proposta metodológica, que é o assunto a ser pesquisado.

Opondo-se à maioria dos autores que afirmam que, nas pesquisas quantitativas, o papel do sujeito no estudo não possui tanta relevância, Goldenberg (2004) afirma que:

É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados. (GOLDENBERG, 2004, p.14).

Conforme afirma a autora, percebemos que, mesmo nas pesquisas em que a cientificidade se configura ao trazermos uma ciência exata para a confirmação do que foi analisado, quem faz a análise traz consigo alguns aspectos que influenciarão no resultado final do estudo.

Por meio da análise qualitativa, no entanto, veremos como o bolsonarismo é retratado por algumas mídias brasileiras, para que, ao fim desta pesquisa, possamos compreender melhor este fenômeno e entender a importância do jornalismo político para a sociedade.

2.2 CARTOGRAFIA DOS SABERES

A proposta metodológica por meio da Cartografia dos Saberes (BAPTISTA, 2014) utiliza-se de diversas técnicas para proporcionar ao pesquisador um trabalho prazeroso e próximo do seu objeto de estudo. A ideia é que não se tenham métodos previamente estipulados, mas critérios para conduzi-lo de modo a criar suas trilhas através de conhecimentos teóricos e práticos. Segundo Baptista (2014):

Assim não existe 'um' único caminho, mas o que eu denomino de 'trama de trilhas' e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. (BAPTISTA, 2014, p.344).

A Cartografia difere-se de métodos tradicionais de pesquisa, justamente, pelo que afirma a autora, no sentido de não existir “um” único caminho a ser trilhado. Dessa maneira, o pesquisador vai construindo o seu trabalho com as infinitas ideias que emergem no decorrer da pesquisa.

Levando em consideração o que já foi dito em relação à Cartografia dos Saberes, a pesquisa se desenvolve em quatro grandes trilhas que ocorrem simultaneamente e se dividem da seguinte forma:

Saberes pessoais: são os conhecimentos diretamente atrelados às experiências do pesquisador. É a trilha em que são feitas anotações iniciais relacionadas às vivências do estudante;

Saberes teóricos: são anotações e produções com embasamento teórico, tendo como referência bibliográfica, artigos, livros e todos os materiais científicos que sustentarão a pesquisa;

Usina de produção: é a trilha em que a pesquisa se materializa, na qual o pesquisador põe em prática os saberes das fases anteriores. É o momento da ação através dos conhecimentos adquiridos *a priori*;

Dimensão intuitiva: é a fase em que se respeita as infinitas trilhas que podem emergir no decorrer da pesquisa. Sendo assim, o pesquisador pode trazer aspectos ao projeto de forma espontânea.

Trilha dos Saberes Pessoais: Para a construção dessa trilha, foi necessário buscar dentro de mim tudo o que havia de conhecimento prévio em relação à política e, posteriormente, pensar em algo contemporâneo e que afetasse diretamente a vida das pessoas. Após essa análise em conjunto com a orientadora desta monografia, chegou-se à definição de que este trabalho abordaria o bolsonarismo e as narrativas midiáticas.

Esta trilha tem relação direta com os objetivos e motivações que me levaram a optar pelo tema central desta monografia. Para Baptista (2014):

Quem escolheu um assunto para pesquisar é porque ‘sabe algo’ sobre isso – mesmo que intuitivamente. O pesquisador iniciante nem sempre tem claro quais são os referenciais teóricos, as teorias entrelaçadas na proposição do problema de pesquisa, mas, se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa. (BAPTISTA, 2014, p.350).

Para organizar meus saberes iniciais e “materializar” esta trilha, foram produzidos textos, anotações e criado um diário com possíveis citações e referenciais teóricos que seriam ou não utilizados no decorrer da pesquisa.

Trilha dos Saberes Teóricos: Simultaneamente com a trilha dos saberes pessoais, acontece a trilha dos saberes teóricos. Nessa etapa, todas as anotações, leituras e citações da primeira trilha encontram embasamento teórico em autores, textos, livros, artigos e todos os mecanismos de pesquisa. Essa trilha possibilitou a expansão dos saberes e a condição de construir caminhos que, inicialmente, não imaginava-se trabalhar.

Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os 'conceitos', núcleos conceituais que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles. Esse quadro é importante, porque ajuda a visualizar a cartografia teórica e suas linhas investigativas. Para cada subtemática expressa nas palavras chave, o pesquisador deve ter referências bibliográficas que direcionem o trabalho teórico. Trata-se, aqui, também, de um quadro-esboço cartográfico que se refaz o tempo todo, destacando os textos já lidos, já trabalhados efetivamente. (BAPTISTA, 2014, p. 351).

Desse modo, o referencial teórico é importantíssimo para a realização desta pesquisa. Juntamente a construção da segunda trilha, todos os assuntos centrais tratados na monografia (narrativas jornalísticas, mídias, bolsonarismo e jornalismo político) apresentam autores que agregam conhecimento junto ao objeto de estudo. Conforme Severino (2007):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constates dos textos. (SEVERINO, 2007, p.122).

Assim sendo, nota-se a necessidade de que a pesquisa tenha embasamento em autores e pesquisadores relevantes sobre os temas abordados, no sentido de adquirir legitimidade quanto ao trabalho científico. Ainda que a primeira trilha seja de suma importância, ela precisa coexistir com as demais.

Usina de produção: A terceira trilha trata-se da usina de produção da pesquisa. É quando o pesquisador vai a campo e vivencia a pesquisa de fato. É o momento em que teoria e prática se unem.

Depois, a terceira trilha é o que eu chamo de laboratório de pesquisa, que envolve a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa. Na perspectiva de um objeto paixão pesquisa, não é possível decidir se essa paixão é válida, se faz sentido, se vai dar certo, se não houver uma vivência compartilhada. Quer dizer, quem quer começar a fazer uma pesquisa, precisa iniciar, também, com prática. (BAPTISTA, 2014, p. 351).

Nessa trilha, a pesquisa acontece na prática, e o pesquisador se relaciona de maneira mais profunda com o seu objeto de estudo. Nesse momento, o pesquisador sente se há ou não a necessidade de investigar determinado elemento, ou dar maior ênfase a algum aspecto, e ocorrem as aproximações e as ações investigativas. As

aproximações tratam-se de conversas informais, busca por materiais, debates, encontros com possíveis fontes. Já as ações investigativas são o estágio da prática no campo de pesquisa, quando o pesquisador planeja, mas, mesmo assim, se abre para o inesperado.

Assim, fica claro que, ao optar pelo assunto desta monografia, eu já possuía interesse pelo tema muito antes de iniciá-la. A decisão ocorreu por meu alto consumo de notícias relacionadas ao jornalismo e à política, além de minha compreensão de que toda a ação praticada por algum governante se reflete na vida da população.

Dimensão intuitiva: A quarta etapa da pesquisa refere-se aos pensamentos que surgem no decorrer da caminhada.

A pesquisa, o conhecimento não se produz apenas na consciência, nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]. Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de click, aqueles momentos em que uma ideia parece brotar de dentro do sujeito, meio que do nada, como se saltasse do inconsciente. (BAPTISTA, 2014, p. 352).

Nessa trilha, o pesquisador faz uso não só da sua consciência, mas também do seu subconsciente para abordar aspectos que talvez estivessem guardados em algum lugar muito íntimo. É nesse momento que a pesquisa se torna extremamente pessoal, visto que misturam-se os saberes mais abstratos e vivências pessoais do pesquisador. Baptista (2014) ressalta a importância dos registros sistemáticos da intuição e a consideração de que esse registro, na prática, inscreve um texto interno. (BAPTISTA, 2014, p. 352).

A coexistência de todas essas trilhas tornou esta pesquisa criteriosa não só sob a ótica científica, mas pessoal do pesquisador. A Cartografia dos Saberes é uma abordagem ímpar que destoa de todos os métodos tradicionais de pesquisa, pois ela dá flexibilidade ao pesquisador e proporciona a liberdade necessária para um estudo aprofundado e íntimo.

2.3 ESTUDO DE CASO

Considerando o assunto que se imaginou abordar no trabalho (como vimos ao utilizarmos a Cartografia do Saberes como estratégia metodológica, o que foi planejado inicialmente pode se modificar no decorrer da pesquisa) e fazendo a análise de reportagens jornalísticas, veiculadas em meios de comunicação brasileiros, houve um momento em que a pesquisa se aproximou do estudo de caso. Na fase das ações investigativas, foi feita a análise de uma única reportagem jornalística de cada veículo de comunicação (*Site* da revista *Veja*, *Site* *Jornalistas Livres*), para demonstrar o posicionamento de cada veículo, em relação ao bolsonarismo. De acordo com Severino (2007),

Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados devem ser coletados e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo. Devem ser trabalhados, mediante análise rigorosa, e apresentados em relatórios qualificados. (SEVERINO, 2007, p.121).

Nesse sentido, exige-se do pesquisador uma série de critérios para selecionar a reportagem jornalística que possa representar a realidade de um contexto geral. De nada adiantaria fazer o estudo de caso ao selecionar uma matéria que não retrata o posicionamento do veículo de comunicação em relação ao fenômeno. Nesse contexto, podemos fazer um paralelo com os institutos de pesquisa brasileiros, que, embora entrevistem mil ou duas mil pessoas para retratar um panorama de 211 milhões de habitantes, normalmente, acabam acertando devido às escolhas corretas das amostras de pessoas.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS ENTRE JORNALISMO E POLÍTICA

Neste capítulo, verificamos alguns aspectos históricos entre jornalismo e política, com o objetivo de elucidar a correlação existente entre os dois. Por meio de alguns autores, veremos suas definições de jornalismo e política, assim como buscaremos, através de alguns momentos históricos, entender essa coexistência que persiste até os dias de hoje. Para isso, precisamos, inicialmente, compreender as origens da comunicação.

Beltrão (1960) afirma que o ato de comunicar está diretamente atrelado aos povos antigos, os quais sentiam necessidade de se comunicar por meio das vias existentes à época:

Lancemos um rápido olhar para o homem primitivo, o homem das cavernas ou o silvícola, que não conhecia a escrita, que apenas esboçava a vida em comum. Nada obstante, esse homem fazia jornalismo, o que vale dizer que transmitia aos seus semelhantes, à sua tribo, com regularidade e freqüência, interpretando os fatos correntes que interessavam à comunidade: — o resultado da caça ou da pesca, a aproximação de animais ferozes e cataclismas, a escolha dos chefes, o relato das suas batalhas. (BELTRÃO, 1960, p. 23).

Nesse sentido, o autor emite a ideia de que o jornalismo não precisou ser inventado por alguém, mas que aconteceu de forma instintiva, como parte de um processo histórico e social. Ainda que sem a devida intenção de produzir algo noticioso e sem o aperfeiçoamento necessário para transmitir algum fato, o indivíduo sempre precisou relatar algo para algum receptor, por mais simples que pudesse ser a atividade. Um exemplo seria o caso do homem primitivo que, nessa circunstância, comunicava-se por uma necessidade de sobrevivência. Desse modo, fica bastante evidente a percepção de que o jornalismo sempre esteve voltado para a coletividade. Sem uma tribo, um grupo social, um conjunto de pessoas - alguém que o receba e o interprete - o jornalismo perderia totalmente sua essência.

Juarez Bahia (1990, p. 9) conceitua o jornalismo como a prática de: “Apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Percebemos que, muito embora esteja no cerne do indivíduo a compreensão de que ele pertence a uma coletividade e que, portanto, o mesmo sempre comunicou-se por meio das mais diversas ferramentas de transmissão, sejam elas

pinturas, sejam desenhos, o jornalismo pode ser interpretado como uma “lapidação” das práticas comunicacionais, que vai ao encontro do conceito apresentado pelo autor, no sentido de que o jornalismo precisa ter critério e responsabilidade com a notícia.

Através dessas noções históricas, quisemos, apenas, situar o jornalismo como atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância. Com efeito, os homens dos nossos dias “têm fome de conhecer o presente.” Para estar a par das ideias, eventos e situações correntes, procuram veículos muito mais especializados e diversificados do que os seus ancestrais. (BELTRÃO, 1960, p. 60).

Assim sendo, fica perceptível o papel fundamental do jornalismo na sociedade, mas, principalmente, da profissão jornalista, no sentido de investigar os fatos com o objetivo de entregar apenas o que há de mais construtivo e relevante para a coletividade. Quando o autor fala em “veículos muito mais especializados”, ele entra em um ponto crucial para distinguirmos a função do jornalista dentro de uma sociedade de um simples indivíduo que já “nasceu com a aptidão de comunicar-se”. Portanto, os veículos de comunicação têm cada vez mais investido em profissionais qualificados, que, desse modo, produzem um jornalismo igualmente de qualidade. Ao não realizarmos esse discernimento, transmite-se a ideia de que o jornalista seria facilmente substituível.

Ainda conforme Beltrão (1960, p. 61): “O Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Nesse contexto, percebemos a responsabilidade do jornalismo para com a sociedade, na direção de construirmos e formarmos opiniões independentes e críticas.

Para Greenwood, a existência de uma cultura profissional é o atributo mais importante de uma profissão, e, neste ponto, o jornalismo tem uma das culturas profissionais mais ricas, se não a mais rica, identificado como é com os valores mais nobres na história da Humanidade, como é, por exemplo, o valor da liberdade. (GREENWOOD, 2005, p. 35 apud TRAQUINA, 1957).

O jornalismo é substancialmente ligado a valores virtuosos. Tanto sob o ponto de vista do senso de coletividade e do humanitarismo, quanto sob a perspectiva das práticas propriamente ditas do “fazer” jornalismo, com integridade, independência,

ética e responsabilidade. Para Traquina (2005, p. 46): “Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade”. O objetivo dos jornalistas é ultrapassar as barreiras impostas por qualquer força que tente impedir que a notícia seja disseminada.

O fato de o jornalismo ser detentor de tanto poder faz com que ele sofra pressões nas mesmas proporções. Não é de hoje que jornalistas são pressionados a noticiarem algo que beneficie determinadas oligarquias, partidos políticos, ideologias. Um dos papéis do jornalismo e do jornalista é resistir a imposições quase que em tempo integral. Nesse sentido, as relações que envolvem a política são muito semelhantes. As pressões acontecem o tempo todo por parte da sociedade organizada, de atores políticos, religiões, etc. Logo, notamos que o poder que possuem tanto o jornalismo, quanto a política, acabam por se tornar uma “faca de dois gumes”, que, ao sucumbirem a essas pressões, prestam um desserviço à sociedade.

Conforme Arendt (2002, p.7): “A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças”. Nesse contexto, notamos a importância da política no sentido de buscar pontos de convergência entre opostos, visando o bem comum. Fato é que os indivíduos possuem suas singularidades, que, dessa forma, destoam uns dos outros em inúmeros aspectos. A política, vista dessa perspectiva, é um jogo de “relevar” individualidades em detrimento de causas maiores. Um exemplo concreto disso, atualmente, em relação à política partidária, são as coalizões. Se existe a coligação de dois ou mais partidos, é porque existem duas ou mais perspectivas de enxergar o mundo; no entanto, temos um grupo de pessoas cedendo de seus ideais vislumbrando algo maior.

Para Tiburi (2017), a política precisa ser compreendida como algo que vai muito além de uma perspectiva reducionista, que a sintetiza apenas como política partidária e institucional:

Falamos sobre isso nos tempos em que até o “fim da política” não deixa de ser uma questão política. Ela continua na forma de um vazio para muita gente que, sem saber, está envolta nela, ainda que a negando e reduzindo-a, muitas vezes, à política partidária e institucional, a política dos poderes estabelecidos. Há quem esqueça que o todo da vida é político. Precisamos saber que a política é o todo da vida porque não se vive a vida humana como indivíduo ou espécie sem que estejamos relacionados uns aos outros

e, inevitavelmente, às instituições. Política é, portanto, a própria ordem e as formas como ela se renova ou se repete. (TIBURI, 2017, p. 13).

Diversos autores apresentam o conceito de política. Embora haja controvérsias na definição do termo, para Hannah Arendt (2002, p.7): “A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana”. A partir dessa escritora, percebemos que, assim como a política está ancorada na multiplicidade dos indivíduos, o jornalismo também está. A percepção de que é preciso conviver com o diferente está presente nos dois casos. Não há como fazer política sem considerar a pluralidade dos indivíduos. Não há como fazer jornalismo sem levar em conta a diversidade presente em uma sociedade.

Como vimos, vários fatores vinculam o jornalismo à política, um deles é a relação de poder. Ao ceder a pressões, entenda-se aquelas que visam beneficiar individualidades e acabam por lesar a coletividade, todos os valores virtuosos que vimos anteriormente e a possibilidade de transformar a sociedade podem se perder pelo caminho. Infelizmente, no Brasil, a grande mídia, entenda-se os veículos de comunicação de grande circulação no País, é controlada por um grupo de pessoas que detém o poder de maneira privativa, isto é, dita as regras sobre a comunicação que será transmitida.

Compreenda-se aqui que o fato de deter o controle da mídia não significa que a mesma adote apenas uma posição, uma ideologia, uma forma de interpretar os fatos, mas acaba por tomar posições muitas vezes em virtude de *lobbys*¹ que viabilizam seus interesses. Em outras palavras, assim discorre Cook (2011) sobre os acordos entre governos e veículos de comunicação:

De um lado, o noticiário de fato trabalha para enfatizar a ação oficial e, portanto, implicar o jornalismo mais profundamente no governo. De outro, as notícias apresentam e interpretam tais ações por meio de valores de produção acordados, que contêm uma política implícita nem sempre favorável aos atores oficiais. Consequentemente, a notícia é o resultado de negociações recorrentes entre fontes e jornalistas, cujos resultados diários beneficiam apenas certas alocações de valores. (COOK, 2011, p. 206).

¹ *Lobby* é um termo utilizado para definir a atividade em que empresas, entidades, pessoas físicas, segmentos da sociedade lutam para viabilizar seus interesses perante o governo, seja no Congresso, seja no Executivo Federal. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lobby-ou-corrupcao/>. Acesso em: 28 de março de 2021.

Ao considerarmos os detentores dos meios de comunicação como grandes monopólios de notícia, fatalmente eles estarão infringindo o que determina o Art. 220 da Constituição Federal do Brasil, no que se refere aos deveres da Comunicação Social: “Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”. (BRASIL, 1988, p.60).

Ao abordarmos mais especificamente as questões políticas, as mídias ocupam um lugar importantíssimo no sistema político brasileiro. A grande mídia no Brasil é um ator político. Até aí, tudo bem. A questão que se coloca é: qual o pluralismo político destas mídias?

O tema central da concentração de poder por parte das grandes mídias não é se posicionar com determinado viés, mas garantir que todas as camadas da sociedade se sintam representadas pelo jornalismo que exercem. Nesse contexto, continua Cook (2011),

A seletividade, em si mesma, não leva automaticamente ao viés. Afinal, não obteríamos uma visão enviesada do mundo se as notícias tomassem uma amostra aleatória de todos os eventos possíveis a cada dia. A seletividade leva ao viés quando, dia sim, dia não, certos tipos de atores, partidos políticos e questões receberem maior cobertura e são apresentados mais favoravelmente que outros. (COOK, 2011, p. 207).

Não se pode cobrar do veículo de comunicação uma isenção ortodoxa, afinal o jornalismo é produzido por seres humanos que naturalmente possuem suas preferências e trazem consigo suas bagagens, paixões e, inclusive, precisam e devem desfrutar de sua liberdade legítima e constitucional de manifestação do pensamento²; entretanto, há de se exigir que os meios de comunicação de massa propiciem equidade entre os atores políticos. Nesse sentido, o autor reitera que

O jornalismo deve ser considerado não só como uma instituição, mas também como instituição política; em outras palavras, os jornalistas são atores políticos. Isso não significa que os repórteres tenham lâminas políticas a afiar ou sigam conscientemente agendas partidárias ou ideológicas particulares. (COOK, 2011, p. 203).

Como dito anteriormente, o jornalismo é tão importante, no sentido de carregar consigo tamanha responsabilidade, que é tido, em países que adotaram a democracia, como prática, como o quarto poder que compõe, juntamente a outros

² “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição”. (BRASIL, 1988, p. 59).

Três Poderes Fundamentais do Estado Democrático de Direito (Legislativo, Executivo e Judiciário), os pilares que regem a sociedade. Ao enxergarmos o jornalismo como uma instituição, ele se correlaciona o tempo todo com os demais poderes, e, assim como os outros, precisa cumprir com o seu papel de órgão fiscalizador de possíveis abusos dos três poderes originais, bem como denunciar violações dos direitos constitucionais previstos em países democráticos.

O jornalismo é um mecanismo de segurança para a sociedade, o qual garante que a democracia irá prevalecer: “O jornalismo compartilha um destino semelhante com os três poderes constitucionais, sendo parcialmente independente e parcialmente dependente de outras instituições para cumprir sua própria tarefa”. (COOK, 2011, p. 205). Embora o jornalismo tenha uma relação muito próxima com as liberdades, principalmente com a de expressão, e uma de suas principais pautas seja a defesa da democracia, o surgimento da imprensa no Brasil possui algumas características bastante peculiares, como explica Lima (2019)

A imprensa brasileira já nasceu sob a tutela do poder político de Estado, nos idos de 1808, com a vinda da família real. Em 10 de setembro de 1808, começava a circular a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o jornal “chapa-branca” do governo português na colônia, veiculando apenas notícias favoráveis à corte. No entanto, o germe da “oposição” ao regime já havia brotado, alguns meses antes. Em 1º de junho de 1808, o jornalista Hipólito José da Costa, exilado em Londres, lançara naquela capital o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Braziliense* – que só circularia no Rio de Janeiro em outubro daquele ano, com grande repercussão na elite letrada, sendo imediatamente proibido e apreendido pelo governo português. Assim, entre afagos à corte e a censura, nascia a imprensa no Brasil, sob um rigoroso regime de controle e censura régia: só circulavam jornais com autorização de D. João VI.. (LIMA, 2019, s/p).

Nesse sentido, vale destacar que a imprensa brasileira nasce originalmente entre duas perspectivas: uma que sofre forte influência do poder do Estado e que se coloca como simpatizante à corte brasileira; e outra que visa a liberdade de imprensa e que naturalmente se opõe à corte. Ao trazermos essas duas visões para a contemporaneidade, observamos que essa dicotomia se manteve durante toda a história das mídias brasileiras e podemos observar como ela é perceptível até os dias de hoje. Poderíamos percorrer por diversos períodos em que seria possível observar tal dicotomia, mas verifiquemos isso, inicialmente, no regime militar de 1964.

O Brasil, como vimos, possui raízes bastante conservadoras, bem como uma parcela representativa de progressistas, que, por sua vez, quase sempre emergem

da necessidade de contrapor o conservadorismo. Em ambos os casos, não faremos juízo de valores em relação aos termos.

Em 1961, João Goulart assumiu a Presidência da República, após a renúncia do presidente Jânio Quadros. A proposta de Jango era implementar as reformas de base,³ que tinham o objetivo de reduzir a desigualdade social existente no País. A parcela progressista da sociedade entendia como correta a ideia de que Jango descentralizasse as riquezas. Entretanto, a parcela conservadora compreendia que seria o início da implementação do comunismo no Brasil. João Goulart herda um País em crise, economicamente quebrado pelos presidentes que o antecederam, e desperta a ira das elites políticas com o seu plano de governo. Em 13 de março de 1964, Jango promove um comício para defender suas reformas e, no dia 19 do mesmo mês, recebe um revés através da Marcha da Família com Deus pela Liberdade⁴. Esses e outros fatores, como o apoio de uma parcela da igreja católica e setores das classes médias, deixam o terreno fértil para que os militares tomem o poder.

Não nos atendo de maneira tão profunda ao regime militar, mas tentando traçar qual a relação desse período com o jornalismo e a política, notamos que, em seu surgimento, a mídia possuía “duas correntes”: uma que atendia aos interesses do governo, e outra que fazia oposição. No caso específico do regime militar, a grande mídia representa a corrente de apoio ao governo da época, como podemos ilustrar por meio das capas que estamparam as revistas de grande circulação no período:

³ As reformas de base eram constituídas por reformas no campo socioeconômico e político, que dependiam de leis e, em alguns casos, de mudança constitucional para se efetivarem. Eram elas: reforma agrária, reforma urbana, reforma universitária, reforma fiscal ou tributária, reforma política. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

⁴ Movimento surgido em março de 1964, que consistiu uma série de manifestações, ou "marchas", organizadas principalmente por setores do clero e por entidades femininas em resposta ao comício realizado no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964, durante o qual o presidente João Goulart anunciou seu programa de reformas de base. Congregou segmentos da classe média, temerosos do "perigo comunista" e favoráveis à deposição do presidente da República. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus. Acesso em: 04 de abril de 2021.

Figura 1 - Ditadura militar e a cobertura da *Revista Veja*



Fonte: DCM. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/site-de-historia-seleciona-as-piores-capas-da-veja-durante-a-ditadura/>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

Na primeira capa, a *Revista Veja* apresenta o presidente Militar Ernesto Geisel, como um “comandante firme”, em um claro gesto de apoio ao seu governo. Na segunda capa, a *Revista Veja* chama de “Revolução” o que os críticos do regime chamavam de golpe militar. Novamente, uma capa que demonstra um posicionamento bastante favorável ao governo.

A relação do jornalismo com a política sempre se fez muito presente no Brasil, justamente, porque a mídia brasileira possui em sua essência o posicionamento, como podemos observar tanto no surgimento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, quanto no surgimento do *Correio Braziliense*. A isenção nunca se configurou de fato no jornalismo brasileiro.

Ao tomarmos conhecimento que, desde sua origem, a mídia brasileira possui uma relação bipartida com a política e que, no período do regime militar, temos a grande mídia “condescendendo” com as ações do governo, em algum momento, teríamos o surgimento de uma mídia opositora. Seguindo a tendência histórica que observamos, não demorou muito para a aparição dos primeiros jornais que contestavam o governo militar: “Os primeiros jornais alternativos nasceram no vazio deixado pelo desbaratamento da imprensa vinculada ao campo popular e pelo estreitamento do espaço crítico na grande imprensa”. (KUCINSKI, 1991, p.21).

Figura 2 - Capas do jornal *Pasquim*, opositor ao Regime Militar



Fonte: UOL. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/em-homenagem-aos-50-anos-de-existencia-todas-edicoes-do-pasquim-estarao-disponiveis-online.phtml>>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

Como observamos, as capas do jornal *Pasquim* estampavam com certo tom de ironia os constantes escândalos de corrupção que ocorriam no período do regime militar. Podemos considerar o período do regime, como um divisor de águas para o jornalismo alternativo, de oposição. Foi nessa época que surgiram os jornais *Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*, *Hora do Povo*, *Brasil Mulher*, entre outros com caráter opositor.

Mais recentemente, outro período marcado pela forte relação entre o jornalismo, a política e a dicotomia das mídias no Brasil foi o *impeachment* de Dilma Vana Rousseff. A presidente se elegeu em 2010 com certa facilidade, muito em função de seu antecessor e companheiro de partido, Luiz Inácio Lula da Silva, que termina seu mandato com a aprovação de 87% da população brasileira, conforme dados da época⁵. O governo Lula serve de escada para a chegada de Dilma ao Palácio do Planalto; no entanto, no decorrer de seu primeiro mandato, há um desgaste da imagem da presidente, escândalos envolvendo seu partido, crise econômica internacional e queda do PIB. A reeleição parecia muito distante.

⁵ A aprovação do governo Lula chega a 87% em dezembro de 2010, de acordo com o instituto Ibope. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

Em 2014, entretanto, Dilma, se reelege derrotando o candidato do PSDB, Aécio Neves, dessa vez, com uma diferença ínfima de votos⁶. Logo após a apuração, Aécio pede a recontagem das urnas, um ato não muito republicano que parecia profetizar o que aconteceria em um futuro não muito distante. A popularidade de Dilma cai consideravelmente. A câmara de deputados é composta, em sua maioria, por opositores ao seu governo. A economia vai de mal a pior, e a pressão popular se faz presente com constantes protestos. O crime de responsabilidade fiscal parece apenas se tratar de uma desculpa esfarrapada para afastar a presidente.

Ao contrário do que tínhamos no período do regime militar, o governo agora é comandado por uma presidente que representa as forças progressistas do País, e, no contexto em que estamos apresentando este capítulo, dessa vez, a grande mídia, predominantemente, coloca-se contra o governo e a favor do afastamento de Dilma. Na capa da *Revista Veja*, podemos perceber que a edição apresenta o ex-presidente Lula, que também é uma figura de grande notoriedade do campo progressista, como um futuro presidiário e comemora a saída de Dilma Rousseff da presidência, afirmando que seu afastamento representa a chance do Brasil se livrar da corrupção.

Figura 3 – Capa da *Revista Veja* após o *Impeachment* de Dilma



Fonte: JusBrasil. Disponível em: <https://csalignac.jusbrasil.com.br/noticias/335999016/dam-isoginia-a-pirotecnia>. Acesso em: 04 de abril de 2021.

⁶ Dilma é reeleita Presidente da República no pleito mais acirrado da história brasileira. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1537894-dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil.shtml>. Acesso em: 01 de abril de 2021.

Em contrapartida, a mídia do campo progressista agora se coloca favorável ao governo e contrária ao *Impeachment* da presidente. Na capa da *Revista Carta Capital*, notamos o ano de 1964 riscado (que na leitura da revista foi um golpe de Estado) e substituído pelo ano de 2016, o ano do afastamento da presidente, em um claro posicionamento de que tanto em 1964, quanto em 2016, ocorreram golpes.

Figura 4 – Capa da Revista Carta Capital após *Impeachment* de Dilma



Fonte: TCE. Disponível em:

<https://www.tce.ba.gov.br/biblioteca/servicos/sumarioperiodicos/sumario/visualizar/91/>. Acesso em: 04 de abril de 2021.

Por meio da perspectiva apresentada pelos autores e os momentos históricos verificados, podemos entender a forte relação existente entre o jornalismo e a política. É bastante perceptível a relação de poder que permeia esses elementos na história do País, bem como sua importância na construção e na preservação do Estado Democrático de Direito. Também é possível compreender que, através deles, pode-se construir uma sociedade mais crítica, mais justa e igualitária, desde que exercidos de maneira correta, seguindo valores que o acompanham desde suas origens.

4 AS CONTRADIÇÕES DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS EM RELAÇÃO À POLÍTICA

No capítulo anterior, observamos uma certa linearidade das mídias em relação aos seus posicionamentos. A história nos mostra que, desde o surgimento dos primeiros jornais brasileiros, há uma mídia voltada para os interesses do governo e uma mídia que faz oposição a esse mesmo governo. Isso ocorre independente do viés partidário de quem está no poder. Mais do que isso, mostramos como, historicamente, sempre tivemos jornais alinhados com forças conservadoras e jornais alinhados com forças progressistas.

Neste capítulo, conceituamos as narrativas jornalísticas através do pensamento de alguns autores e apresentamos, por meio de dois períodos históricos, contradições por parte das mídias, para que pudéssemos compreender seus posicionamentos em relação ao bolsonarismo. Embora anteriormente tenhamos identificado certa coesão no comportamento dos jornais, nem sempre isso foi uma regra em nossa história. Vejamos o que diz Motta (2005) em relação às narrativas jornalísticas:

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. (MOTTA, 2005, p. 2).

Por esse ângulo, a narrativa, na perspectiva do autor, serve como mecanismo para que o indivíduo dê significado às coisas, isso em todas as áreas do conhecimento. Quando associamos uma narrativa à linguagem jornalística, temos um importante fator a considerar: a subjetividade do jornalista que exerce papel fundamental ao interpretar os fatos e narrar a partir de sua compreensão. Isso significa dizer que quem narra precisa despir-se ao máximo de suas paixões e pré-conceitos, para transmitir a notícia da forma mais autêntica possível. Nesse caso, estamos nos referindo às narrativas factuais, que são àquelas que dizem respeito à realidade dos fatos. Conforme o autor, ainda existe a narrativa ficcional, que estabelece melhor relação com filmes, novelas, videocliques, etc.

Mesmo quando tratamos da narrativa factual, que precisa considerar tão somente a realidade do fato a ser noticiado, estamos falando de um narrador que possui, ainda que de forma inconsciente, suas preferências. No entanto, Motta (2005, p.3) desacredita da benevolência de quem discursa: “As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação”.

Nessa perspectiva, podemos vincular as narrativas a quem as utiliza de maneira premeditada, isto é, narra o fato de forma a levar vantagem com o seu discurso. No que se refere aos relatos jornalísticos, o autor afirma que sempre há um objetivo, uma razão pela qual o narrador discursa. “Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua”. (MOTTA, 2005, p.3).

Ainda conforme Motta (2005), outra importante função ao tratarmos das narrativas jornalísticas é desempenhada pelos analistas, que são os ouvintes que interpretam o fato narrado:

Há sempre pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico. Há sempre interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior e que gera tensão. Em torno do ciclo equilíbrio-desequilíbrio gira a narrativa jornalística. Cabe então ao analista identificar os conflitos principais e secundários da história recomposta (da nova síntese). Eles podem ser políticos, econômicos, psicológicos, familiares, jurídicos, policiais, etc. O analista trabalha agora com a sua própria recomposição do acontecimento, que confrontará permanentemente com as notícias originais para construir sua interpretação. (MOTTA, 2005, p.5).

Nesse sentido, o autor apresenta de que forma se constitui um acontecimento jornalístico, afirmando que sempre há dois ou mais pontos de vista a serem interpretados pelos receptores. Motta (2005), dessa vez, trata da importância da interpretação da narrativa por parte do receptor, e podemos concluir que a subjetividade está presente tanto no transmissor quanto no receptor, entenda-se aqui tanto no narrador quanto no analista.

O autor ainda afirma que, mesmo se tratando de duas formas diferentes de narrativas - a factual e a ficcional -, é possível verificarmos que, em certas ocasiões, elas caminham em paralelo, haja vista que mesmo na narrativa factual, que possui um caráter mais “rígido”, cabe espaço para recursos de linguagem que estimulam as subjetividades do receptor:

Há também uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem jornalística que remetem o leitor à interpretações subjetivas. A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária. Observe os títulos do jornal ou as chamadas do telejornal de hoje para comprovar essa afirmação. Intencionalmente ou não, geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido emocionais. Recursos lingüísticos e extra lingüísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. (MOTTA, 2005, p.11).

Para Walter Benjamin (1994), o bom narrador é aquele que viaja e vivencia de fato experiências de troca com outras culturas e que, a partir disso, relata os acontecimentos para o seu receptor. Nesse contexto, quem presencia o fato possui maior “propriedade” para falar sobre ele: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p.201). Na visão do autor, as narrativas estão empobrecendo porque tudo é explicado com antecedência, antes mesmo que o receptor possa fazer sua própria interpretação do que é narrado. “Cada manhã recebemos notícia de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”. (BENJAMIN, 1994, p.203). Desse modo, o autor reforça a ideia de que o analista da narrativa está se tornando desnecessário, uma vez que, se os fatos são previamente dados e explicados, não há necessidade de que alguém o interprete. Na compreensão de Benjamin, o narrador está exercendo as duas funções.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Resende (2009) corrobora o pensamento de Walter Benjamin, ao afirmar que uma boa narrativa jornalística gera no receptor a possibilidade de criar novas histórias a partir de seu relato:

Desse modo, as narrativas jornalísticas são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano. (RESENDE, 2009, p.41).

Anteriormente, abordamos as narrativas jornalísticas como forma de exercício de poder e hegemonia, no sentido de sempre “esperar algo em troca” por meio de como o fato vai ser relatado, utilizando-se, dessa forma, até de uma perspectiva capitalista de contar a história visando algum benefício. No entanto, Walter Benjamin

(1994, p.214) pondera: “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais”. Desse modo, fica bastante evidente a ideia de que a narrativa não pode se corromper para que esteja contribuindo com a sociedade, ela precisa manter-se “orgânica”.

Ainda nesse contexto, Dalmonte (2011) reafirma a posição do jornalismo em relação ao discurso e situa o jornalista como figura importantíssima na interlocução entre a notícia e o receptor:

O jornalismo se constitui como lugar de articulação de discursos sociais, com base no diálogo de interesse público e, consequentemente, agente mediador entre o mundo dos fatos e a instância de leitura/recepção. Toda a comunicação que interessa à opinião pública é mediada pela instância jornalística, que confere uma aura de importância ao que é narrado, pressupondo um processo de seleção dos fatos, apuração e articulação de vozes conflituosas etc. (DALMONTE, 2011, p. 216).

Como vimos, a relação que permeia o jornalismo e as narrativas jornalísticas na atual conjuntura política está diretamente interligada à obtenção de poder e hegemonia. Estaríamos sendo ingênuos ao pensarmos de outra forma. Nesse sentido, as narrativas servem como ferramenta para o jornalismo, e cabe ao jornalista fazer o bom uso desse recurso.

No capítulo anterior, pudemos constatar que a grande mídia brasileira sempre se aproveitou do poder que possui para viabilizar seus interesses. Apresentamos também a dicotomia que existiu no passado e que permanece viva até os dias de hoje. Percebemos a correlação existente entre o jornalismo e a política e, nesse contexto, podemos afirmar que, se os grandes veículos de comunicação, historicamente, posicionaram-se e corroboraram para que seus “preferidos” chegassem ao poder, a principal ferramenta de manipulação foi a narrativa jornalística.

Muito embora tenhamos apresentado o posicionamento das mídias de forma irreduzível até aqui, em alguns momentos da história brasileira houve uma contradição das narrativas, no sentido de “trocar de posicionamento” em relação ao que se noticiava inicialmente. Para elucidarmos essas contradições, vamos nos ater à ideia de Motta (2005), que afirma que a narrativa nunca é “ingênua”, e analisar, inicialmente, esse pensamento no *impeachment* de Fernando Collor.

Em 1989, o Brasil chega a um processo eleitoral após árduas batalhas para o restabelecimento do Estado Democrático de Direito. A sociedade saiu às ruas e

conquistou a duras penas a promulgação da Constituição Federativa do Brasil de 1988. Após quase trinta anos de ditadura militar, a sociedade iria escolher seus representantes novamente por voto direto.

Nesse processo eleitoral, a elite política precisava ter seu candidato nas eleições, e Fernando Collor representava as ambições dessa elite. Como observamos, a grande mídia no Brasil é dominada por um grupo restrito de pessoas, e os donos dos meios de comunicação brasileiros, historicamente, sempre se opuseram a candidaturas alinhadas com o campo progressista.

Considerando que nas eleições de 1989 tínhamos dois candidatos com grande visibilidade nesse campo (Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola), a grande mídia precisaria construir um candidato viável que pudesse fazer frente a esses dois nomes, e Fernando Collor foi o escolhido.

As primeiras pesquisas eleitorais foram favoráveis à sua candidatura. Sem base partidária, fez uma campanha solitária. Construiu uma eficaz estrutura de propaganda e marketing. Elaborou um discurso eleitoral direto, compreensível à maioria dos eleitores. Simplificou a complexidade dos problemas nacionais. Recebeu, já próximo ao primeiro turno, apoio empresarial e obteve colaboração nos estados dos dissidentes dos maiores partidos, cujos candidatos à Presidência não tinham conseguido obter sucesso eleitoral, como o PMDB e o Partido da Frente Liberal (Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, respectivamente). (VILLA, 2016, p.10).

Após uma das campanhas eleitorais mais desproporcionais da história brasileira, uma vez que os grandes veículos de comunicação não fizeram questão alguma de esconder quem seria seu candidato, Fernando Collor de Mello chega à Presidência da República:

No domingo, 17 de dezembro, Fernando Collor de Mello venceu o segundo turno da eleição presidencial. Obteve 35.089.998 votos (42,75%) contra 31.076.364 do seu opositor (37,86%). Abstiveram-se 11.814.017 eleitores (14,40%), 1,20% votaram em branco e 3,79% optaram pelo voto nulo. (VILLA, 2016, p.11)

Para legitimar a afirmação de que tivemos uma campanha eleitoral desproporcional, no último debate entre presidenciáveis, três dias antes do segundo turno das eleições, as quatro maiores redes de televisão no Brasil (*Globo, Manchete,*

Bandeirantes e SBT) uniram-se para transmitir simultaneamente o debate⁷. No dia seguinte, a *Rede Globo* apresentou recortes desse debate em seus dois principais telejornais: o *Jornal Hoje* e o *Jornal Nacional*.

O recorte apresentado no *Jornal Nacional* sofreu duras críticas por ter privilegiado Fernando Collor. Na ocasião, foi concedido ao candidato do PRN quase dois minutos a mais de visibilidade em relação à Lula. Artistas da própria emissora protestaram em frente à sede da Rede Globo, no Rio de Janeiro, pedindo uma retratação por parte da emissora e, anos depois, editores do jornal reconheceram que o objetivo da edição era deixar claro que Collor tinha sido o vencedor do debate⁸.

Também é possível verificarmos o posicionamento da *Revista Veja* de forma favorável à candidatura de Collor. Abaixo temos uma famosa capa da revista que traz o então governador do estado de Alagoas como o “Caçador de marajás”:

Figura 5 – Collor, o caçador de marajás.



Fonte: Memorial da Democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/novo-ator-politico-aparece-em-cena>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

Fica notória a construção da candidatura de Fernando Collor por meio da narrativa que visa colocá-lo no poder para representar os interesses dos donos dos

⁷ Trata-se de um *Poll* entre as quatro maiores emissoras de televisão para transmitirem o debate presidencial. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula/>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

⁸ Editores do JN afirmam que utilizaram na edição o mesmo critério usado para um jogo de futebol, em que são transmitidos os melhores momentos de cada time. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula/>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

veículos de comunicação. Seja pela iniquidade de tempo em uma reportagem jornalística, seja por capas bastante sugestivas, a grande mídia conseguiu construir a imagem de Collor, que, por sua vez, chegou ao Palácio do Planalto com o discurso de abrir o País para o mercado estrangeiro e acabar com a inflação que assolava o Brasil.

Até esse momento, a perspectiva que apresentamos de que a grande mídia sempre apoiou o conservadorismo no Brasil se faz valer; entretanto, como a proposta é mostrarmos as contradições das mídias, a questão que se coloca é: por que a grande mídia abandonaria Fernando Collor?

Para Maringoni (2012), inicialmente, o presidente tinha propostas para a economia que agradavam as elites:

Os principais jornais ficaram entusiasmados, pois o projeto do Collor coroava uma disputa de rumos no fim dos anos 80. Ele era visto como a saída para que o mercado fosse o polo dinâmico e comandasse a economia. O Collor tinha o projeto econômico que a elite queria (MARINGONI, 2012, s/p).

No início do governo, a inflação no Brasil chegava a incríveis 1700%⁹ ao ano, e, para combatê-la, Collor adotou medidas bastante radicais no campo econômico, uma delas o famoso confisco das poupanças. O plano para a economia, no entanto, não deu certo, uma vez que a inflação continuava a atormentar o Brasil e o desemprego ainda era muito grande.

Conforme Maringoni (2012), o maior erro de Fernando Collor foi não ter articulado alianças políticas no congresso e ter abandonado parte do empresariado que havia lhe ajudado a chegar à Presidência: “foi desleixado para manter maioria no Congresso e entrou em confronto com uma parte expressiva do empresariado”. (MARINGONI, 2012, s/p). A forma como os governos agem em relação à economia é fator determinante para agradar ou desagradar as elites políticas no Brasil e, conseqüentemente, os grandes veículos de comunicação nacionais. Collor, definitivamente, não cumpriu com a promessa de campanha de “caçar os marajás”, modernizar a economia, nem tampouco acabar com a hiperinflação.

⁹ Hiperinflação registrada no início do mandato de Collor. Disponível em: <https://www.politize.com.br/impeachment-collor-porque-sofreu/>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

Não por acaso o início do processo que gerou uma CPI¹⁰ e que culminou no *impeachment* de Collor, deu-se início com uma entrevista de seu irmão à *Revista Veja*, em que Pedro Collor, afirma que Fernando, tinha uma sociedade com PC Farias, (Tesoureiro da campanha de Collor) que seria seu “testa-de-ferro” em esquemas de corrupção.

Figura 6 – Pedro Collor denuncia seu irmão à *Veja*



FONTE: IG. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-05-22/a-entrevista-de-pedro-collor-a-veja.html>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

A partir dessa entrevista, torna-se ainda mais perceptível a mudança de posicionamento dos grandes veículos de comunicação em relação à Fernando Collor. A narrativa construída em sua campanha de político moderno, que abria a economia do País, torna-se a de um homem com envolvimento em escândalos de corrupção, que não cumpriu com seus compromissos.

Na capa da *Revista Veja* que veremos a seguir, comprovamos a afirmação de que houve uma mudança radical de narrativa em relação ao presidente. Na edição, a revista aborda a crise enfrentada pelo País à época e afirma que Collor “continua fraco”.

¹⁰ Sigla que significa: Comissão Parlamentar de Inquérito. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/15/o-que-e-e-como-funciona-uma-cpi>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

Figura 7 - Revista *Veja* muda seu discurso



FONTE: *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/vinte-motivos-de-collor-para-odiar-a-veja-ou-o-pt-de-antes-e-o-pt-de-agora/>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

No caso do *Impeachment* de Collor, a perspectiva de Motta (2005), que afirma que toda narrativa tem pretensões, faz-se muito presente. Podemos identificar quais eram os objetivos dos grandes meios de comunicação ao construir a candidatura de Collor, por meio de um discurso que visava mostrar o candidato de maneira extremamente positiva. A contradição do discurso da narrativa fica bastante clara a partir do momento em que a grande mídia percebe que seus interesses não seriam atendidos e, portanto, constrói-se uma narrativa inversa.

Notemos em outro momento da história a contradição das narrativas da grande mídia. Desta vez, no primeiro mandato do Presidente Lula.

Em 2002, o PSDB indicou José Serra como sucessor do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Após oito anos dos tucanos no poder, o sentimento da população era de mudança, e Lula, derrotado nas últimas duas eleições, estava cada vez mais em evidência no lado do campo progressista.

Em uma de suas edições, próxima às eleições de 2002, a *Revista Veja* apresenta o candidato tucano, José Serra, como um homem equilibrado, com um grau de escolaridade superior ao de seu adversário, preparado para encarar as responsabilidades caso chegasse à Presidência da República. Como explica Cortez (2004) ao fazer a análise de uma das matérias da revista,

No final da campanha observa que para chegar ao segundo turno o candidato elaborou a 'desconstrução de seus adversários' Roseana Sarney e Ciro Gomes. Mas o título 'A mente de Serra', sugere aquilo que destaca no candidato. Na primeira imagem desta reportagem vemos o candidato em sua casa em São Paulo, com a legenda 'Entendo melhor as coisas quando leio'. Entre as cenas do álbum de família – como o mercado municipal da capital paulistana, onde o pai vendia frutas – e de momentos da campanha vemos que 'decisões são precedidas de exaustivas análises sobre as chances de sucesso e riscos de fracasso'. Em suma, Serra é um homem de origem simples, mas 'estudado', ponderado e 'preparado' para encarar grandes responsabilidades. (CORTEZ, 2004, s/p).

Em contrapartida, a *Veja* apresenta a candidatura de Lula de maneira bastante atrelada ao radicalismo de esquerda. Em uma de suas edições, a revista correlaciona a imagem do candidato à de Marx, Trotsky e Lênin, em uma clara tentativa de atrelar o petista ao “fantasma” do comunismo.

Às vésperas (23/10) do segundo turno, *Veja* traz uma capa com o desenho de um monstro ameaçador com três cabeças, nas quais vemos as imagens de Lênin, Trotsky e Marx; a manchete diz: 'O que querem os radicais do PT. Entre os petistas, 30% são de alas revolucionárias. Ficaram silenciosos durante a campanha. Se Lula ganhar, vão cobrar a fatura.' No interior, a matéria recebe o título 'Vai ser preciso segurar', apontando os grupos 'Marxistas, leninistas e trotskistas que compõem o coração radical do PT'. As fotos trazem o Movimento dos Sem Terra, as Farc da Colômbia e a senadora Heloisa Helena com uma imagem de Che Guevara na parede. (CORTEZ, 2004, s/p)

Figura 8 - Revista *Veja* apresenta o PT como partido radical



FONTE: CNM. Disponível em: <https://www.cnmcut.org.br/conteudo/duas-capas-serra-ajuda-a-veja-e-veja-ajuda-serra-em-2002-e-2010?id=1232&category=0>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

A construção da candidatura de José Serra dessa vez não deu certo. O candidato não empolga o eleitor brasileiro e é diretamente afetado pela baixa popularidade de seu antecessor e companheiro de partido, Fernando Henrique Cardoso. De acordo com o instituto *Datafolha*¹¹, o tucano deixa a Presidência da República após oito anos, com a reprovação de 36% do eleitorado brasileiro.

Após a vitória de Lula, a postura esperada pela grande mídia, de que o presidente faria um governo “radical”, não se concretiza. Lula estreita relações com os Estados Unidos e compõe seu ministério com figuras conhecidas do campo neoliberal, o que culmina em atritos internos entre as alas mais radicais do partido dos trabalhadores.

Em sua primeira edição no ano de 2003, ao cobrir a posse do presidente, a *Veja* destaca o compromisso de Lula com as reformas econômicas iniciadas no governo Fernando Henrique. A continuidade de um plano econômico voltado para os interesses estrangeiros parece agradar a grande mídia. Como tratamos anteriormente, as questões econômicas novamente servem como termômetro para sabermos qual a “popularidade” do presidente junto aos grandes veículos de comunicação no Brasil.

Lula se elegeu com um discurso voltado para sua base eleitoral, em sua maioria composta pela camada mais pobre do País, que esperava ansiosa pelos programas sociais¹² prometidos na campanha. A boa relação do presidente com todas as classes da sociedade, entenda-se as camadas mais vulneráveis e setores empresariais, também ganha destaque da *Revista Veja* em uma de suas matérias, como afirma Cortez (2004):

Cabe dizer que no final do primeiro mês de governo, uma reportagem ganha outro tom. ‘O elo entre dois mundos. Ao unir as mensagens de Porto Alegre e Davos, Lula desponta como o construtor da 3ª via.’ Nela, diferentemente das anteriores, o veículo traça uma projeção altamente positiva de um evento único, possível porque o PT participou da criação de um espaço de encontro e discussão entre os movimentos sociais de todo o mundo, como um dos idealizadores do Fórum Social de Porto Alegre e porque o seu antigo presidente, hoje assumiu a condução da República. Por isso Lula esteve presente no Fórum de Porto Alegre e no Fórum Econômico Mundial, seu oposto. (CORTEZ, 2004, s/p)

¹¹ Pesquisa demonstra insatisfação do eleitor brasileiro com Fernando Henrique Cardoso. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2002/12/1222326-fhc-encerramandato-com-reprovacao-maior-do-que-aprovacao.shtml>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

¹² São iniciativas do governo voltadas para as famílias de baixa renda no Brasil. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/programassociais/#:~:text=Programas%20sociais%20s%C3%A3o%20iniciativas%20destinadas,de%20baixa%20renda%20do%20Brasil>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

Muito embora saibamos que a relação de Lula com a *Revista Veja* de um modo geral nunca tenha sido boa - levando em consideração que os dois atuam em campos diferentes na perspectiva que apresentamos até aqui - durante um período, é possível verificarmos a contradição da narrativa da revista, que antes apresentava o candidato com temor de um esquerdista na Presidência da República e que depois parece ser complacente com o presidente, principalmente na área econômica.

Vale destacar que, nos períodos apresentados, mantém-se a ideia inicial de que a narrativa jornalística está à serviço dos interesses dos grandes veículos de comunicação. No primeiro caso, temos um presidente inicialmente que conta com o apoio da grande mídia e que, ao deixar de atender seus interesses, tem sua imagem desconstruída por meio de uma narrativa bastante negativa. No segundo caso, inicialmente, a narrativa que se constrói do candidato é negativa e, à medida que a grande mídia percebe que, até certo ponto, seus interesses seriam atendidos, o discurso passa a ser “mais ameno” ao se referir ao presidente. Como podemos verificar na capa abaixo:

Figura 9 - *Revista Veja* se surpreende com a postura de Lula

Veja 1780 – 4 de dezembro de 2002

Veja 1782 – 18 de dezembro de 2002



FONTE: BLOG DO CARLOS MAIA.

Disponível em: <http://blogdocarlosmaia.blogspot.com/2012/03/as-capas-golpistas-da-revista-vejanuma.html>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

Com base nos exemplos anteriores, vejamos agora se existem ou não similaridades na contradição das narrativas da grande mídia em relação ao bolsonarismo. Vamos nos ater a ideia de que o termo bolsonarismo representa um movimento de apoio ao presidente Jair Bolsonaro e suas práticas políticas. No decorrer desta pesquisa, vamos tratar de modo mais aprofundado sobre o significado desse fenômeno. O intuito é que possamos entender qual a postura da grande mídia em relação ao atual governo.

A relação de Bolsonaro com a grande mídia desde seu surgimento como figura pública é intrigante. Embora essa relação sempre tenha sido conturbada, Bolsonaro só ganhou notoriedade no cenário nacional por causa do espaço que os grandes veículos de comunicação lhe proporcionaram.

A primeira oportunidade em que o atual presidente ganhou espaço na grande mídia foi em 1986, quando ainda era capitão do exército, e, por meio de um artigo publicado na Revista Veja, reivindica melhores salários para a sua categoria.

Tudo começou em setembro de 1986, quando o capitão artilheiro e paraquedista da ativa publicou na revista *Veja* o artigo “O salário está baixo”, uma crítica contundente à política salarial do governo José Sarney, o primeiro depois da ditadura militar. Por quebra de disciplina e hierarquia, considerada uma transgressão grave pelo regulamento do Exército, Bolsonaro foi punido com quinze dias de prisão disciplinar. O caso teve grande repercussão, deu ao capitão seus primeiros quinze minutos de fama, mas não foi além disso. (CARVALHO, 2019, p.7)

Carvalho (2019), no entanto, reitera que possivelmente o artigo em sua versão final não tenha sido escrito por Bolsonaro, mas tratou-se de uma entrevista concedida pelo então capitão à *Veja*, que foi transcrita para o artigo: “É improvável que ele próprio o tenha escrito, ao menos em sua forma final. Ele mesmo já se referiu ao artigo como fruto de uma entrevista que tinha dado à *Veja* - hipótese mais razoável”. (CARVALHO, 2019, p.30).

Nas imagens que veremos a seguir, temos o artigo atribuído à Jair Bolsonaro, o qual podemos considerar como a sua primeira aparição em esfera pública e, na sequência, temos acesso ao documento que puniu o capitão por indisciplina ao quebrar a hierarquia do exército. Vale destacar que, embora Bolsonaro tenha se envolvido em inúmeras polêmicas no exército ao infringir as regras estabelecidas, muitos colegas, e até leitores da *Revista Veja*, saíram em sua defesa por acharem correta a reivindicação de melhores salários para a categoria.

Se traçarmos um paralelo com os dias atuais, percebemos que a figura polêmica por trás do presidente vem desde suas primeiras aparições na mídia. Assim como Bolsonaro rompeu com uma ordem pré-estabelecida no exército e despertou simpatizantes e desafetos, ao tornar-se presidente, colocou-se como alternativa aos seus adversários “tradicionais” e, outra vez, conquistou admiradores e opositores.

Figura 10 – Artigo de Bolsonaro publicado na Veja.

Ponto de Vista

O salário está baixo

Capitão Jair Messias Bolsonaro

Há poucos dias a imprensa divulgou o desligamento de dezenas de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras por homossexualismo, consumo de drogas e uma suposta falta de vocação para a carreira. Em nome da verdade, é preciso esclarecer que, embora tenham ocorrido efetivamente casos residuais envolvendo a prática do homossexualismo, consumo de drogas e mesmo indisciplina, o motivo de fundo é outro. Mais de 90% das evasões se deram devido à crise financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro. Uma crise e uma falta de perspectiva profissional cujos reflexos de desestímulo já atingem a Academia das Agulhas Negras, celeiro histórico da oficialidade da força terrestre — que hoje se encontra ameaçado.

É de conhecimento de todos que o funcionalismo público vem sofrendo muito nos últimos anos. Há no subterfúgio da concessão da semestralidade, a inflação anual referente a 1983 foi dividida; uma parte do reajuste foi concedida em 1.º de janeiro de 1984 e a outra em 1.º de julho do mesmo ano. Esta última data serviu de base da nova referência para os reajustes seguintes. Com isso, a inflação do primeiro semestre de 1984 foi simplesmente considerada absorvida — ou zerada — para os funcionários públicos. Agora, na Nova República, novamente sofremos uma grande perda salarial: a maioria dos trabalhadores, através de lutas sindicais que nos são expressamente proibidas, gozava de adiamentos, trimestralidade, bônus e outros garfos que foram incorporados aos salários. Como não tínhamos esse privilégio, perdemos novamente o equivalente a três meses de inflação na época em que ela corria consideravelmente o poder aquisitivo da população. Curiosamente, a reposição que nos foi negada beneficiou a quase totalidade dos funcionários das empresas estatais.

Como capitão do Exército brasileiro, da ativa, sou obrigado pela minha consciência a confessar que a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos. Uma rápida passada de olhos na tabela de salários do contingente que inclui de terceiros-sargentos a capitães demonstra, por exemplo, que um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe — incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de tropa, representação e moradia, descontados o fundo de saúde e a pensão militar — exatos 10 433 cruzados por mês. Um terceiro-sargento, com o mesmo tempo de permanência e os mesmos adicionais, não passa dos 4 134 cruzados. Estes números, aliás, pertencem a um universo salarial cuja mobilidade — ou perspectiva de ascensão profissional e hierárquica — pode ser medida com dois exemplos: um sargento, para atingir a faixa salarial de um aspirante a oficial, deve ter no mínimo 24 anos de serviço. E um aspirante a oficial, para chegar a major, deve necessariamente ter, no mínimo, quinze anos de quartel, contados a partir da data de sua declaração a aspirante.



Descontentes e sem perspectivas, os cadetes estão abandonando a Academia das Agulhas Negras

Este quadro é a causa sem retoques da evasão, até agora, de mais de oitenta cadetes da AMAN. Eles solicitaram desligamento. Não foram expulsos, como sugere o noticiário. Afinal, um homem que dedica os melhores anos de sua vida à carreira militar, enfrentando, nos corpos da tropa, um ritmo de trabalho não inferior a 48 horas semanais, com serviços aos sábados, domingos e feriados, instruções noturnas, marchas, acampamentos e outras atividades típicas da vida dos quartéis, não pode simplesmente pensar em patriotismo — como querem muitos — quando não pode sequer sonhar em constituir condignamente uma família.

Nas constantes transferências a que somos submetidos, para os mais distantes pontos do Brasil, sempre estamos sujeitos a adaptação residencial. Com exceção de Brasília, raras são as unidades que oferecem residência a oficiais e sargentos. Como o aluguel, ao mercado, quase nunca é inferior a 5 000 cruzados, um capitão casado se vê diante da sombra da catástrofe quando planeja seu orçamento familiar. Com cerca de 60% do salário comprometido apenas com a moradia, restam-lhe 4 500 cruzados para educação dos filhos, alimentação, transporte, lazer, vestuário, fardamento etc. Isso é deprimente para um oficial que tem curso superior e, quase sempre, vários cursos militares.

Não pleiteio aumento salarial. Reclamo — como fariam, se pudessem, meus colegas — um vencimento digno da confiança que meus superiores depositam em mim. Muitos reclamam da não tributação do imposto de renda sobre os vencimentos brutos dos oficiais e sargentos. Ora, se isso ocorresse, depauperaríamos com a inconcebível circunstância de um aspirante a oficial do Exército — homem de elite e cheio de sonhos de carreira — ter que sobreviver com menos de 5 000 cruzados mensais. Um salário inferior ao de muitos técnicos e funcionários sem qualificação de muitas estatais, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Petrobrás.

Tomo público este depoimento para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo na massa de profissionais preparados para defendê-lo. Como o risco de ver minha carreira de devoto militar seriamente ameaçada, mas a imposição da crise e da falta de perspectiva que enfrentamos é maior. Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as necessidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não só de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo.

Jair Messias Bolsonaro é capitão de artilharia do 8.º Grupo de Artilharia de Campanha, para-quedista, 31 anos, casado e pai de três filhos.

154

VEJA, 3 DE SETEMBRO, 1986

FONTE: Livro: O cadete e o capitão.

Disponível em:

file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Livro_O_Cadete_e_o_Capitao_A_Vida_de_Jai.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2021.

Figura 11 – Punição recebida por Bolsonaro no exército

Folha 105

RESERVADO

8º GAC PQDT

Continuação das Faltas de ALTERAÇÕES

de **Cap ART JAIR MESSIAS BOLSONARO**

2º SEMESTRE DE 1986

PERÍODO: de 1º Jul a 31 Dez

desconto em férias.

- BI nº 219, de 24 Nov 86, concedeu-lhe 25 dias restantes de férias.

4. FÉRIAS

- BI nº 179, de 25 Set 86, concedeu-lhe 03 dias de dispensa para desconto nas férias de 1985, devendo apresentar-se pronto para serviço em 28 Set 86.

✶ - BI nº 219, de 24 Nov 86, concedeu-lhe 25 dias restantes das férias de 1985, devendo apresentar-se pronto para o serviço em 19 Dez 86.

5. PUNIÇÃO DE OFICIAL

✶ - BI nº 163, de 03 Set 86, foi punido pelo Comandante da Bda Inf Pqdt, por ter elaborado e feito publicar em revista semanal, de tiragem nacional, sem conhecimento e autorização de seus superiores, artigo em que tece comentários sobre a política de remuneração do pessoal civil e militar da União; ter abordado aspectos da política econômico-financeira do governo fora de sua esfera de atribuições e sem possuir um nível de conhecimento global que lhe facultasse a correta análise; por ter sido indiscreto na abordagem de assuntos de caráter oficial comprometendo a disciplina; por ter censurado a política governamental; por ter ferido a ética gerando clima de inquietação no âmbito da GM, da GU e da força e por ter contribuído para prejudicar o excelente conceito da tropa Para-quedista no âmbito do Exército e da Nação "(nº 63, 65, 66, 68 e 106 do Anexo I. Agravantes do nº 2 e letra "c" do nº 6 do Art 18. Tudo do RDE. Transgressão GRAVE). / Fica preso por 15 (quinze) dias. Esta punição é a contar de 01 Set 86. Deixo de aplicar maior punição em virtude de ser a primeira punição do Oficial (Bol I nº 162 de 02 Set 86/Cmdo Bda Inf Pqdt).

6. OUTROS

a. INSPEÇÃO DE SAÚDE

RESERVADO

FONTE: Livro: O cadete e o capitão.

Disponível em:file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Livro_O_Cadete_e_o_Capitao_A_Vida_de_Jai.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2021.

Bolsonaro sempre mostrou a que veio. Desde quando tivemos registros na mídia de suas primeiras aparições, ele demonstrou ser uma figura polêmica e, talvez, esse seja o grande motivo pelo qual a grande mídia sempre lhe cedeu muito espaço. Para os que compactuam ou não com suas posições, Bolsonaro sempre chamou muita atenção e despertou interesse da mídia. Em suma, Bolsonaro é extremamente coerente.

Ao chegarmos nas eleições presidenciais de 2018, de um lado tínhamos Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, que representava a ala progressista, do outro tínhamos Jair Bolsonaro do então Partido Social Liberal, que representava a ala conservadora. Embora tenhamos semelhanças com os exemplos anteriormente apresentados, temos algumas questões bastante específicas. Antes verificamos que a grande mídia construiu uma narrativa para que seus interesses fossem atendidos, ou seja, o candidato conservador chegasse ao poder. Se seguíssemos essa perspectiva, naturalmente o candidato da grande mídia seria Bolsonaro. A grande mídia sempre temeu a chegada de um progressista ao poder, como podemos notar no exemplo da disparidade de narrativas na eleição de Collor e Lula. Desse modo, Haddad não seria o candidato da grande mídia; entretanto, Bolsonaro representava uma ala mais radical do que seria o ideal para os grandes veículos de comunicação.

Para a grande mídia, nas eleições de 2018, restou fazer a avaliação - agora por meio de um critério que interliga o bolsonarismo e os dois exemplos citados - que é a forma com que cada candidato trataria da questão econômica no Brasil e, nesse aspecto, Bolsonaro levou vantagem como explica Ladeira (2020).

Enquanto a imprensa internacional se mostrava perplexa pelo fato de o tolerante, alegre e receptivo povo brasileiro ter escolhido um nome de extrema-direita, conhecido por declarações misóginas, racistas e homofóbicas, a mídia brasileira, mais otimista, considerava que o polêmico Bolsonaro, ao chegar ao poder máximo da nação, seria facilmente controlado, “colocado na linha” e, o que é mais importante, executaria a agenda neoliberal de Paulo Guedes. (LADEIRA, 2020, s/p).

Um editorial publicado pelo Estado de São Paulo ficou muito famoso à época e exemplificou o pensamento da grande mídia em relação aos dois candidatos que concorriam às eleições. Se de um lado tínhamos a ameaça da volta do petismo ao poder, do outro tínhamos um representante de uma direita que poderia extrapolar os limites democráticos.

Figura 12 – Editorial do Estadão demonstra insatisfação com os candidatos



FONTE: Twitter.

Disponível em: <https://twitter.com/estadao/status/1049230420234002432>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

Ainda que de modo não tão explícito, como foi no caso de Fernando Collor, a grande mídia apoiou a candidatura de Jair Bolsonaro, como explica Ladeira (2020).

O fato de a mídia, unanimemente, ter aderido à campanha de Bolsonaro (mesmo de forma envergonhada) não foi algo surpreendente. Conforme a história nos mostra, para o grande capital (de quem a imprensa hegemônica é o principal porta-voz) não importa se o poder político estiver nas mãos de um “democrata” como Fernando Henrique Cardoso ou de um “extremista” como Jair Bolsonaro: o importante é garantir a manutenção dos lucros. O capital não pode parar. (LADEIRA, 2020, s/p).

Após a chegada de Bolsonaro à Presidência da República, os resultados ruins no campo econômico e a forma com que o presidente lidou com a questão do coronavírus fizeram com que a grande mídia se voltasse contra seu mandato. É nesse momento que fica bastante evidente a contradição da narrativa que inicialmente condescendia com a visão pró-mercado da ala econômica do governo, que depois faz duras críticas ao presidente.

Diante dessa realidade, tornou-se imprescindível para a grande mídia desvincular-se totalmente da imagem do presidente e esconder de todas as formas o seu apoio ao ex-capitão durante a última campanha eleitoral (assim como feito em relação a Fernando Collor, na década de 1990). Lembrando Marx, “a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. (LADEIRA, 2020, s/p).

Na capa da Istoé que vemos abaixo, é possível percebermos a troca de posicionamento da revista, que demonstra preocupação com a imagem do Brasil no

exterior após as políticas de meio ambiente adotadas pelo governo e após o presidente ter “zombado” da mulher do presidente da França, Emmanuel Macron.

Figura 13 – Istoé demonstra preocupação com a imagem do Brasil no exterior



FONTE: Nominuto. Disponível em: <https://nominuto.com/noticias/revistas-semanais/istoe-mostra-o-estrago-a-imagem-do-brasil-provocado-por-jair-bolsonaro/190479/>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

Precisamos salientar que, embora a grande mídia de um modo geral tenha se desvinculado do bolsonarismo, alguns veículos de comunicação permanecem com o presidente, muito em virtude da boa relação que ele possui com os donos desses veículos, caso do SBT, de Silvio Santos, da Record, de Edir Macedo, e da Jovem Pan, de Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho.

Com relação ao posicionamento da mídia alternativa, podemos afirmar que historicamente sempre houve uma postura linear, alinhada com o pensamento que estamos trabalhando de que essa mídia está diretamente relacionada a governos com características progressistas.

Se houve momentos em que não se entrou em consenso entre este ou aquele candidato, foi porque existia mais do que um personagem no campo progressista,

como nas eleições de 1989 em que tínhamos Lula e Brizola. As críticas também aconteceram de maneira respeitosa ao espectro político, nunca como nos exemplos que apresentamos da grande mídia em que ocorreram trocas de posicionamentos radicais.

Esta “fidelidade” da mídia alternativa ao campo progressista se dá por um conjunto orgânico de ideias que não verificamos de maneira tão homogênea no campo conservador:

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo. (KUCINSKI, 1991, p.6)

Desse modo, podemos relacionar a mídia alternativa com a perspectiva apresentada por Benjamin (1994), que afirma que a narrativa precisa ter suas “raízes no povo” no sentido de manter-se inalterada para estar contribuindo com a sociedade. Nesse caso, não temos um discurso à serviço de interesses. Por outro lado, temos o pensamento de Motta (2005), que afirma que a narrativa sempre trabalha de forma a favorecer os interesses de alguém. Os exemplos apresentados nos levam a relacionar essa ideia à grande mídia brasileira.

5 BOLSONARISMO: O FENÔMENO QUE REDIRECIONOU O BRASIL

Neste capítulo, conceituamos o termo: bolsonarismo a fim de elucidarmos esse fenômeno que é um dos motivos principais da existência desta pesquisa. Na sequência, apresentamos aspectos que justificam afirmarmos que o bolsonarismo redirecionou o País. Se estamos dizendo que o Brasil tomou outro rumo após a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República, é porque tínhamos uma perspectiva que foi rompida.

O bolsonarismo pode ser compreendido de maneira genérica como um grupo de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Esse grupo, como outros que vimos surgir a partir da ascensão de um sujeito com reconhecimento nacional, compactua de pensamentos que emergem de uma figura central. No caso específico do Bolsonarismo, essa figura é o presidente Jair Bolsonaro.

Como não poderia ser diferente, esse grupo de pessoas comunga características que se assemelham à figura central. Nesse sentido, quando tratamos de um fenômeno que necessariamente precisa de um líder, há um culto a essa personalidade. No Brasil, recentemente, verificamos isso nos governos do presidente Lula, em que vimos surgir o “lulismo”, um fenômeno que condescendia com os pensamentos do então chefe do executivo.

Nessa perspectiva, não estamos entrando no mérito de cultuar personalidades, apenas estamos vendo que em outros momentos da história brasileira, tivemos um fenômeno com características semelhantes no sentido de figura centralizadora, muito embora saibamos que com aspectos totalmente diferentes ao tratarmos de ideologia política.

Ao considerarmos que o bolsonarismo surge à “imagem e semelhança” do presidente Jair Bolsonaro, cabe-nos tentar elucidar quais as características desse fenômeno. Conforme Maitino (2020):

Uma primeira chave para pensar o bolsonarismo é observar a heterogeneidade de seu eleitorado, mesmo que haja maior adesão em perfis determinados: masculino, de maior renda, alta escolaridade e religião evangélica. Em um primeiro momento, o núcleo de apoio estaria entre garotos jovens, ricos e pobres, que veriam em Bolsonaro uma figura divertida, anti-sistema e que aplacaria uma sensação de “desestabilização da masculinidade hegemônica”. (MAITINO, 2020, p.12).

Nesse sentido, podemos relacionar algumas características do núcleo bolsonarista com a perspectiva que estamos trabalhando de redirecionamento de País, uma vez que nota-se que os apoiadores do presidente, antes mesmo de sua eleição, queriam o rompimento do que estava posto. Entretanto, essa é apenas uma das características do fenômeno, pois o presidente diversificou os seus apoiadores:

O apoio a Bolsonaro vai desde homens que flertam com o retorno da ditadura militar a votos “envergonhados” motivados pelo antipetismo, passando por mulheres que não se sentem representadas pelo feminismo, liberais defensores da meritocracia e moradores de periferia preocupados com a violência urbana. (MAITINO, 2020, p.12).

Desse modo, fica bastante evidente que o fenômeno, na maioria dos casos, torna-se popular devido ao antagonismo que faz aos governos que o antecederam. Se anteriormente tínhamos escândalos de corrupção, a narrativa do bolsonarismo é combater a corrupção. Se ocorreram diversos casos de violência urbana nas periferias, o discurso era priorizar a segurança pública.

Bolsonaro insistentemente tentou angariar votos mesmo daqueles que se opunham a suas ideias, com um discurso hegemônico. Se a intenção de alguns setores da sociedade era segmentar suas pautas para conseguirem visibilidade, como é o caso das mulheres, dos negros, gays, índios, etc, a narrativa bolsonarista era tratá-los como um grupo só:

Há um esforço do candidato em mostrar que não pretende excluir minorias, considerando a todos igualmente. Não obstante o papel da misoginia, racismo e homofobia em seu discurso e trajetória política, a campanha eleitoral procurou mostrar a inclusão de negros, gays e mulheres sob categorias gerais, como “povo” e “brasileiros” - a ilustração mais clara nesse sentido se dá pelo slogan de uma ação da campanha: “Minha cor é o Brasil”. (MAITINO, 2020, p.13).

Um termo que ganhou eco entre os apoiadores do presidente é o “cidadão de bem”, uma expressão que se tornou quase uma denominação aos bolsonaristas, no entendimento deles mesmos. Esse termo exemplifica a ideia de antagonismo a que se propõe o presidente, como afirma Maitino:

Sendo o PT e a esquerda diretamente associados à corrupção e à imoralidade, não há um grande salto em associar o cidadão de bem à direita. A esquerda e o comunismo passam, então, a ser associadas a qualquer ação tida como imoral ou negativa. A desconfiança popular em relação à política, porém, é generalizada — trata-se, afinal, de um terreno de corrupção e mentira. Se a direita é o moral e a política é imoral, também

partidos de direita podem ser chamados comunistas. (MAITINO, 2020, p.15).

Nessa perspectiva, nota-se outra importante característica do bolsonarismo, que é o radicalismo. Não só quem está do outro lado do espectro político é associado à imoralidade, mas também aqueles que se assemelham em alguns aspectos e se diferem em outros, ou seja, na perspectiva bolsonarista só possuem qualidades aqueles que não divergem de seu líder.

Para trazermos essa ideia para além da teoria, basta analisarmos o caso do ex-ministro da justiça, Sergio Moro. Se antes o ex-juiz era visto pelos apoiadores do presidente como o arauto da moralidade e dos bons costumes, após divergir com Bolsonaro em apenas uma questão (a troca do diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo), Moro torna-se um inimigo político do presidente, passível inclusive de ataques via redes sociais.

Para Manuel Loff (2019, s/p), o bolsonarismo possui outras características bastante peculiares:

O bolsonarismo é, sobretudo, uma somatória de nostalgia da ditadura militar, com demagogia anticorrupção e um discurso político centrado na questão moral. Na questão puramente moral, dois dos líderes das direitas clássicas que subiram ao poder com o apoio da extrema direita, Silvio Berlusconi e Donald Trump, são homens que não podem reclamar probidade alguma na sua vida profissional, tributária e familiar. Isso não impede que, em ambos os casos, possam fazer discursos profundamente reacionários sobre a família. Com uma “cara de pau”, como vocês brasileiros dizem, um despudor, que não tem nome. O Berlusconi fazia discurso sobre a família depois de publicamente meter a mão nas mulheres. O Trump é a mesma coisa. Portanto, o bolsonarismo é simplesmente o somatório dessa nostalgia da ditadura, discurso sobre a corrupção – portanto demagogia moralista –, a que se soma depois uma ligação ao mundo evangélico. (LOFF, 2019, s/p).

Nesse sentido, percebemos que o discurso bolsonarista está pautado em uma visão conservadora de extrema-direita. Isso não significa que a narrativa se concretiza na prática. Na visão do autor, ainda que seja propagada uma ideia anticorrupção e moralista, é possível verificarmos ações opostas ao que é pregado no governo de Jair Bolsonaro.

O autor também fala do “mundo evangélico” que é uma característica facilmente verificada nos eleitores de Bolsonaro. Ao termos acesso a uma pesquisa do Instituto Datafolha, após as eleições de 2018, percebemos que a religião

evangélica foi indispensável para a chegada de Bolsonaro à Presidência da República. Vejamos os números:

Figura 14 - Perfil de eleitores por religião nas eleições de 2018

Religião	Peso da religião amostra	Número de votos válidos por religião	Intenção voto de Bolsonaro	Intenção voto de Haddad	Estimativa de votos válidos Bolsonaro	Estimativa de votos válidos Haddad
Total	100,00	104.838.753	0,56	0,44	58.709.702	46.129.051
Católica	0,56	58.709.702	0,51	0,49	29.941.948	28.767.754
Evangélica	0,30	31.451.626	0,69	0,31	21.701.622	9.750.004
Afro-brasileiras	0,01	1.048.388	0,3	0,7	314.516	733.871
Espiritas	0,03	3.145.163	0,55	0,45	1.729.839	1.415.323
Outra religião	0,01	1.048.388	0,68	0,32	712.904	335.484
Sem religião	0,07	7.338.713	0,45	0,55	3.302.421	4.036.292
Ateu/agnóstico	0,01	1.048.388	0,36	0,64	377.420	670.968

FONTE: Datafolha. Disponível em:

<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/26/3416374d208f7def05d1476d05ede73e.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

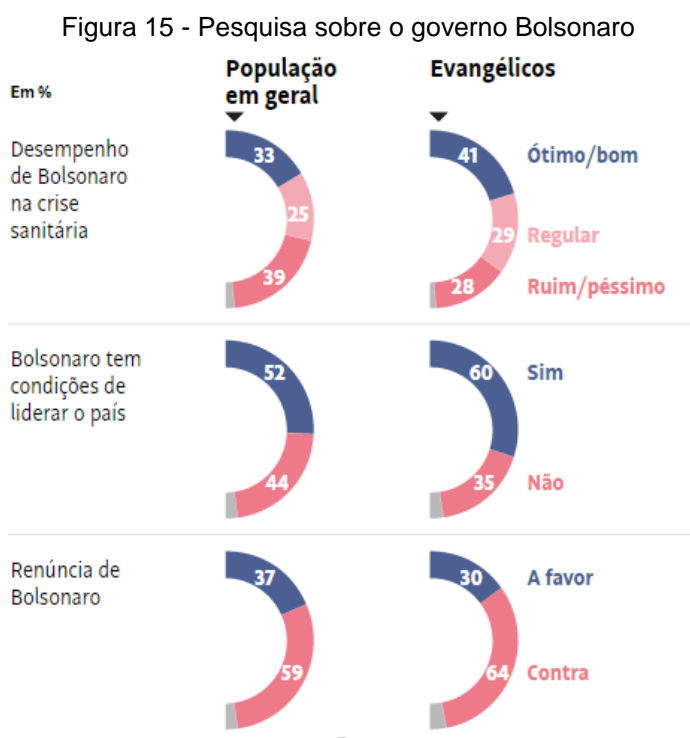
Ao analisarmos os dados, percebemos uma diferença ínfima de votos entre os candidatos que concorriam ao segundo turno das eleições (Jair Bolsonaro e Fernando Haddad) entre as religiões que não a evangélica. Entre os ateus e agnósticos, os sem religião e os cidadãos com outra religião que não foram apresentadas pelo Instituto, também percebemos uma diferença pequena de votos. Entretanto, ao analisarmos a religião evangélica, entre 31 milhões de brasileiros que se denominaram com essa religião, mais de 21 milhões votaram em Bolsonaro e somente 9 milhões em Fernando Haddad. Uma diferença de quase 12 milhões de votos.

A campanha do presidente foi certa ao flertar com uma religião que segue fielmente o que dizem seus pastores. Ao pedir apoio de importantes líderes evangélicos, Bolsonaro obtém apoio de grande parte desse segmento da sociedade. Ao utilizar como *slogan* de campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” Bolsonaro faz um claro aceno aos evangélicos, que comprou sua ideia de fazer do País um lugar para a família tradicional.

Após a vitória de Bolsonaro e um período de mais de dois anos de governo, alguns setores se desvincularam do bolsonarismo, em virtude da maneira de governar do Presidente. Alguns o abandonaram pela forma de lidar com a questão da pandemia do novo coronavírus; outros pelos constantes ataques às instituições democráticas e, até mesmo, pelo baixo crescimento econômico. Exemplos não nos faltam, como o caso do ex-ministro da justiça Sérgio Moro, do ex-ministro da saúde

Luiz Henrique Mandetta e, até mesmo, de uma importante parcela da mídia que apresentamos anteriormente.

Ao analisarmos a adesão entre os evangélicos, no entanto, observamos que o presidente continua bem avaliado, como notamos em uma pesquisa encomendada pela Folha de São Paulo, feita pelo Instituto Datafolha em abril de 2020:



FONTE: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/evangelicos-tem-tendencia-pro-bolsonaro-e-relativizam-mais-coronavirus-indica-datafolha.shtml>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

Enquanto 39% da população em geral julgava como ruim ou péssima a atuação do presidente em relação ao coronavírus, entre os evangélicos, esse número caía para 28%. Se para 52% da população em geral Bolsonaro tinha condições de liderar o País, para os evangélicos eram 60%. Enquanto 37% da população em geral era favorável a uma possível renúncia do Presidente, entre os evangélicos esse número caía para 30%.

Vimos que, na perspectiva dos autores, uma parcela do bolsonarismo está ligada ao desejo da volta do regime militar, que sabemos que foi um período marcado pela arbitrariedade. Quando temos um regime com essa característica, automaticamente não temos o respeito às regras e às instituições, ou seja, temos alguém que quer usufruir do poder de maneira deliberada, sem o respeito às opiniões divergentes. Em resumo, temos um período antidemocrático.

Se uma importante parcela do bolsonarismo quer a volta desse período com a figura central de Bolsonaro no poder, podemos atribuir ao fenômeno outra característica: a aproximação com traços totalitários.

Figura 16 - Apoiadores de Bolsonaro pedem intervenção militar



FONTE: Poder 360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-protesto-em-brasil-e-pedem-intervencao-militar/>. Acesso em: 09 de maio de 2021

De acordo com Hannah Arendt (2013):

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. (ARENDT, 2013, p.280).

Dessa forma, percebemos que o bolsonarismo, em determinados momentos, apresentou-se como massa, no sentido de que não se uniu a partir de um interesse comum e atingível, conforme explica a autora. As constantes manifestações bolsonaristas (como vimos na foto acima) não são compostas de um desejo único e articulado. Vemos que, embora haja certo gosto pela organização política, as pessoas se unem por objetivos distintos. Em uma mesma manifestação bolsonarista é possível termos reivindicações pelo voto impresso, fechamento do Congresso Nacional, intervenção militar com Bolsonaro no poder entre outras demandas.

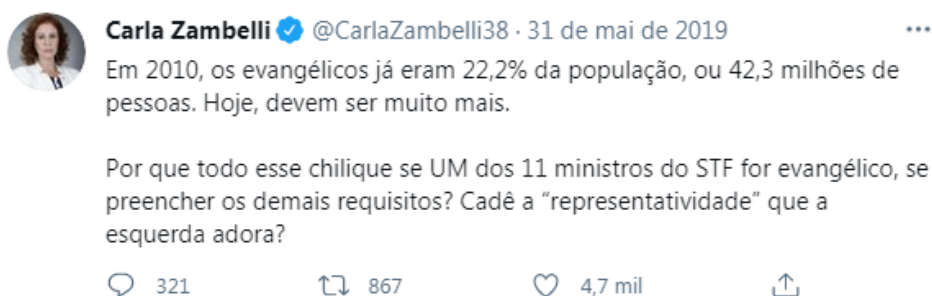
Ainda conforme Arendt (2013):

Somente a ralé e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação. (ARENDR, 2013, p.303).

Nesse sentido, compreendemos por meio da visão da autora, que o totalitarismo, ironicamente, necessita que estejamos vivenciando um período democrático para se instaurar. O sujeito totalitário precisa da democracia para negá-la e colocar-se como uma alternativa a ela. O sujeito totalitário precisa apresentar a democracia como a principal responsável por um momento de instabilidade. Vimos isso acontecer claramente no nazismo e no stalinismo.

Para elucidarmos algumas características do bolsonarismo, a seguir vemos *tweets* de apoiadores de Jair Bolsonaro, e um *tweet* do próprio presidente que evidenciam algumas ideias do fenômeno:

Figura 17 - Deputada bolsonarista defende ministro evangélico

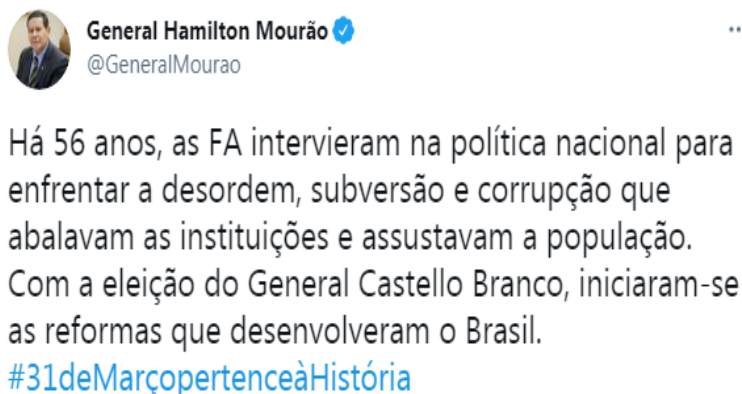


FONTE: Twitter. Disponível em:

<https://twitter.com/CarlaZambelli38/status/1134553920892735488>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

Na figura acima, temos o posicionamento da deputada Carla Zambelli, do PSL de São Paulo, uma das parlamentares mais fiéis ao presidente Jair Bolsonaro. No *tweet* feito no dia 31 de maio de 2019, Carla se mostra favorável à indicação de um ministro evangélico ao Supremo Tribunal Federal. A parlamentar reforça a ideia que apresentamos de que o núcleo bolsonarista se constitui por evangélicos ou simpatizantes da religião cristã.

Figura 18 - Vice-presidente e o regime militar



FONTE: Twitter. Disponível em:
<https://twitter.com/GeneralMourao/status/1244929367773523969>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

No *tweet* feito pelo vice-presidente da República, Hamilton Mourão, em 31 de março de 2020, fica bastante evidente o seu posicionamento favorável ao regime militar de 1964. Na visão de Mourão, o período foi responsável por importantes reformas que desenvolveram o País.

Novamente, o posicionamento de uma importante figura bolsonarista vai ao encontro de características que apresentamos sobre o fenômeno. Neste *tweet*, é possível verificarmos o radicalismo de direita, visto que Mourão comemora a data em que houve o rompimento de um período democrático e instaurou-se no País medidas que assassinaram opositores do regime.

O conservadorismo também fica bastante claro, uma vez que o Vice-Presidente afirma que as Forças Armadas intervieram sob a desordem e subversão. Mourão parece querer conservar práticas não progressistas. Outra característica que é facilmente detectável no *tweet* são os traços totalitários, afinal, Hamilton Mourão comemora a data em que arbitrariedades foram cometidas e liberdades foram tolhidas da população brasileira.

Figura 19 - Presidente Bolsonaro e o discurso hegemônico



FONTE: Twitter. Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/866841057836883968?lang=pt>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

No *tweet* do próprio presidente Jair Bolsonaro, feito em 22 de maio de 2017, é possível verificarmos a narrativa hegemônica que apresentamos anteriormente, haja vista que o Presidente denomina como “todos brasileiros” as inúmeras etnias presentes em nosso País. Bolsonaro, mesmo antes de se tornar Presidente da República, demonstrava não ser favorável a segmentações da população brasileira.

Comprovamos a afirmação de que houve um redirecionamento no País, à medida que percebemos uma ruptura de características que víamos em governos anteriores. Desde a redemocratização, tivemos presidentes com ideologias políticas distintas, que variaram desde aqueles favoráveis às privatizações aos que queriam um estado maior, isso para nos atermos apenas às questões econômicas. No entanto, a chegada do presidente Jair Bolsonaro à Presidência da República modificou completamente algumas características vistas em um passado recente. Uma das mais significativas fica por conta das relações exteriores:

As diferenças mais significativas em relação aos governos anteriores eram o alinhamento aos Estados Unidos e a ideologia que o envolve, elaborada, entre outros, pelo chanceler Ernesto Araújo. O artigo de Araújo, Trump e o Ocidente, é uma das peças mais intrigantes da história diplomática brasileira, pois mescla política e ideologia, economia e conspirações, nacionalismo e religião. (VIDIGAL, 2019, p.5).

Desde que Bolsonaro chegou ao poder, o alinhamento com a política neoliberal norte-americana não é uma surpresa, afinal, o presidente previamente havia dito que se aproximaria dos Estados Unidos. O que causou espanto em alguns analistas foi o fato de Bolsonaro não se aliar ao Estado norte-americano, e sim ao presidente Donald Trump. Ao se submeter às políticas de Trump, o presidente

naturalmente passa a se opor a países inimigos dos Estados Unidos, como é o caso da China. Inúmeros foram os ataques ao nosso principal parceiro comercial.

Quanto ao posicionamento do governo Bolsonaro em relação à China, cabe lembrar que nenhum dos governos ou presidentes anteriores havia colocado em dúvida a importância do país asiático na política externa do país. Ao visitar Taiwan, Bolsonaro colocava em questão o reconhecimento de “uma só China”, como já visto, e trazia para o diálogo com Pequim uma insegurança até então ausente. (VIDIGAL, 2019, p.11).

Dessa forma, notamos que a política adotada pelo presidente e seu chanceler, Ernesto Araújo, visa fortalecer alianças com países próximos ideologicamente. O autor evidencia que o governo trata de “priorizar” países com quem o presidente tem maior afinidade, independente da importância que esse país exerça para os interesses nacionais. Se o governo brasileiro levasse em conta apenas a importância dos países para o nosso desenvolvimento econômico, a China, naturalmente, seria nossa prioridade.

Notamos por meio de diversos fatores o redirecionamento do País após a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência. No decorrer deste capítulo, vimos que as próprias características do fenômeno trouxeram outras perspectivas ao Brasil. O radicalismo, o conservadorismo, a relação com a religião evangélica, alguns aspectos totalitários e o discurso hegemônico nortearam diversos setores do governo.

Conforme destaca o *site* G1, em um levantamento feito pela ONG Repórteres Sem Fronteiras, nunca antes (desde a redemocratização) a imprensa brasileira sofreu tantos ataques quanto no governo de Jair Bolsonaro. Os índices elevados fizeram com que o Brasil perdesse duas posições no *ranking* mundial de liberdade de imprensa.

Figura 20 - Brasil perde duas posições no ranking de liberdade de imprensa

Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG

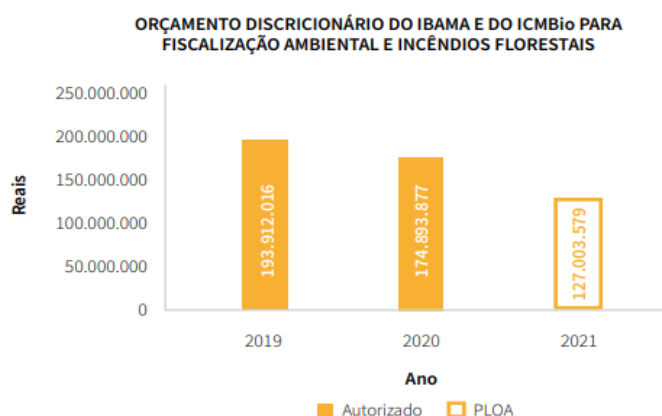
Segundo a Repórteres Sem Fronteiras, ao todo foram feitos 508 ataques de autoridades públicas à imprensa no país. Levantamento diz ainda que Brasil é o 107º no ranking de liberdade de imprensa, duas posições abaixo de 2019.

FONTE: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml> Acesso em: 16 de maio de 2021.

Outra área em que tivemos mudanças em relação aos governos anteriores foi no meio-ambiente. As políticas adotadas pelos presidentes que antecederam Bolsonaro visavam investir em medidas protecionistas, ainda que, em alguns casos, o recurso destinado à pasta não surtisse o efeito esperado.

Bolsonaro, em contrapartida, desde que assumiu a Presidência, conjuntamente com o Ministério do Meio Ambiente, diminuiu o orçamento discricionário, indispensável para o fortalecimento do IBAMA na fiscalização ambiental e incêndios florestais, conforme aponta o Observatório do Clima de janeiro de 2021:

Figura 21 - Orçamento para fiscalização ambiental e incêndios



Fonte: SIOP acesso público (dados extraídos em 04/01/2020)

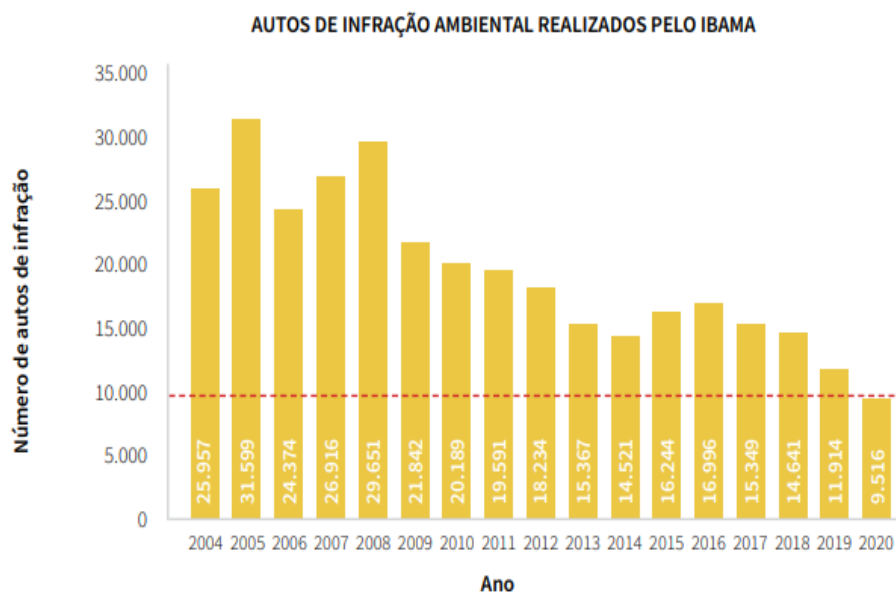
Notas: Valores atualizados pelo IPCA (Bacen - Calculadora do Cidadão), considerando dezembro de 2019 e novembro de 2020 / Considerou-se como efetivamente autorizado o valor correspondente à coluna "Datação Atual" do SIOP / Não foi considerada a ação orçamentária 21BS em 2019 porque não houve internalização no Ibama dos recursos correspondentes / Foram consideradas as ações orçamentárias 214M, 214N, 214P e, no ano de 2020, também a 21BS (recursos extra da Lava Jato direcionados ao Ibama pelo STF) / No PLOA 2021, não foram considerados os recursos condicionados à aprovação legislativa, nos termos do inciso III do art. 167 da Constituição

FONTE: Observatório do clima. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/01/Passando-a-boiada-1.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

Ainda conforme o Observatório do Clima, mesmo que estejamos diante de um aumento no número de queimadas no Brasil, as multas aplicadas pelo IBAMA por questões ambientais chegaram ao seu menor índice desde que a entidade começou a apresentar os indicadores.

Abaixo temos um gráfico em que é possível verificar que, em 2004, (o primeiro ano em que a entidade apurou os dados de autuação por infração ambiental), as multas chegaram a ser aplicadas a quase 26 mil infratores. Em 2020, esse número reduziu para menos de 10 mil.

Figura 22 - Multas aplicadas pelo IBAMA



Fonte: Portal de Dados Abertos do Ibama (consulta realizada no início de janeiro)

FONTE: Observatório do clima. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/01/Passando-a-boiada-1.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

Após verificarmos alguns aspectos que permeiam o bolsonarismo, podemos afirmar que o fenômeno redirecionou nosso País. A postura adotada pelo atual governo evidencia que o Brasil saiu de uma posição ideologicamente tida como centro e direcionou-se à extrema-direita.

É de se comemorar que, desde a redemocratização, podemos notar o princípio de alternância bastante presente no Brasil. A democracia é libertária em todos os sentidos. Vivenciamos períodos em que a sociedade precisou se adaptar a ideologias diferentes. Afinal, respeitar a democracia é também respeitar o oposto. Passamos por momentos em que o espectro político variou entre a direita, a centro-direita, a esquerda, a centro-esquerda e a extrema-direita. É preciso ressaltar, entretanto, que o convívio entre distintos só foi possível em decorrência dos princípios democráticos. Nessa perspectiva, assim discorre Carvalho (2012):

Seja como for, estando o foco dos tribunais na correlação alternância-democracia ou na correlação alternância-república, o fato é que o princípio da alternância, em boa hora revigorado, passou a ter bastante relevância no cenário político contemporâneo, obsequioso daquilo que é bom e democraticamente justo. (CARVALHO, 2012, p.179).

Nesse sentido, precisamos salientar que, para que tenhamos o princípio de alternância presente no País e que para que o espectro político possa continuar a ser respeitado pelos cidadãos, deve-se seguir ortodoxamente o que determina a Constituição da República Federativa do Brasil. Por meio dela, é possível nos organizarmos como sociedade, usufruindo de direitos e seguindo irrestritamente alguns deveres.

No contexto em que estamos abordando o bolsonarismo, de que os seguidores do presidente Jair Bolsonaro refletem o seu comportamento e que compactuam de algumas características, precisamos ressaltar que o chefe do executivo infringe alguns artigos da Constituição Federal; portanto, cabe-nos refletir se o fenômeno é anticonstitucional. Vejamos o que determina a Carta Magna e notemos algumas atitudes do presidente Jair Bolsonaro. Art. 85:

São crimes de responsabilidade os atos do Presidente da República que atentem contra a Constituição Federal e, especialmente, contra: I - a existência da União; II - o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário, do Ministério Público e dos Poderes constitucionais das unidades da Federação. (BRASIL, 1988, p.30).

Figura 23 – Bolsonaro participa de ato antidemocrático.



FONTE: Exame. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pgr-pede-abertura-de-inquerito-para-apurar-protestos-antidemocraticos/> Acesso em: 30 de maio de 2021.

Na imagem anterior, é possível verificarmos a presença do presidente Jair Bolsonaro em um ato que pede a intervenção militar e o fechamento do Congresso Nacional, ainda que, o Art. 85 da constituição seja clara em seu parágrafo segundo, ao afirmar que o presidente da República não pode atentar contra o livre exercício dos poderes.

Conforme o artigo terceiro da Constituição Brasileira: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. (BRASIL, 1988, p.8).

Figura 24 - Trecho retirado da *Revista Veja* de uma fala de Bolsonaro

E antes de voar para Imperatriz, a segunda maior cidade do Estado, tomou um copo do Guaraná Jesus e debochou da sua cor. Enquanto sua equipe fazia uma transmissão ao vivo nas redes sociais, comentou com o dono de um bar que o recepcionava:

- Agora eu virei boiola. Igual maranhense, é isso? Guaraná cor-de-rosa do Maranhão aí, quem toma esse guaraná aqui vira maranhense. Guaraná cor-de-rosa. Fod..., fod...

FONTE: Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/noblat/bolsonaro-uso-guarana-cor-de-rosa-para-ofender-gays-e-maranhenses/> Acesso em: 30 de maio de 2021.

No trecho retirado de uma reportagem da *Revista Veja* do dia 30 de outubro de 2020, é possível notarmos que algumas falas do presidente não seguem o que determina o artigo terceiro da Constituição Federativa do Brasil, visto que Bolsonaro relaciona a cor-de-rosa de um tradicional refrigerante maranhense à população do estado, ao que ele atribui a palavra “boiola”. O presidente, com esta fala, transgride o artigo da constituição ao discriminar a população pela sua origem e orientação sexual.

Com todas as características que apresentamos, cabe-nos refletir sobre as posições tomadas pelo bolsonarismo. É possível perceber que se trata de um fenômeno ímpar na história contemporânea brasileira, que se assemelha em alguns aspectos com fenômenos já conhecidos e se difere em outros tantos pontos.

6 ANÁLISE DE REPORTAGENS: O RETRATO DO BOLSONARISMO ATRAVÉS DAS MÍDIAS

Após discutirmos aspectos históricos entre o jornalismo e a política, notando que, desde o surgimento dos primeiros jornais brasileiros, temos uma relação de dicotomia entre as mídias; depois de apresentarmos contradições das narrativas midiáticas em relação à política e caracterizarmos o bolsonarismo como um fenômeno que redirecionou o Brasil, neste capítulo, fizemos a análise de duas reportagens jornalísticas, veiculadas em dois meios de comunicação com perspectivas distintas: o *site* da *Revista Veja*, e o *site* da rede de coletivos *Jornalistas Livres*. A ideia é que possamos ver, na prática, o posicionamento dos dois veículos de comunicação, em relação ao fenômeno estudado: o bolsonarismo, levando em consideração aspectos que apresentamos sobre as mídias no decorrer desta pesquisa.

Relacionamos a mídia alternativa a governos progressistas, os quais historicamente fizeram oposição a governos com características conservadoras. Vimos que essa mídia se apresentou de maneira linear, no sentido de manter-se fiel as suas posições no decorrer da história. Notamos que isso se deu, principalmente, devido à preservação de um conjunto de ideias orgânicas de seus idealizadores.

Em contrapartida, relacionamos a grande mídia aos governos conservadores, que se opõem aos governos progressistas. Notamos que, em diversos momentos da história, essa mídia adotou um posicionamento contraditório, visto que mudou de postura em diversas situações, algumas vezes, ao perceber que os governos não atenderiam aos seus interesses.

Para a realização da análise das reportagens jornalísticas, utilizamos como referencial teórico o artigo: *Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos*, de Damasceno (2013), e o artigo: *A disputa e o conflito na construção da notícia política*, de Franciscato (1999).

Conforme Damasceno (2013):

Além das tecnologias de produção e das demandas dos horários de fechamento que forçam os jornais a manterem um determinado padrão, existe, paralelamente, a necessidade de cada veículo ser diferente dos demais, ou seja, de destacar sua personalidade a fim de estabelecer uma posição clara num mercado que exige que cada um se caracterize como único. (DAMASCENO, 2013, p.10).

Diante disso, a autora se refere mais especificamente aos jornais impressos, destacando a forma com que esses são produzidos, afirmando que precisam respeitar um padrão, devido à necessidade de tempo para que sejam impressos. No que tange à análise das reportagens jornalísticas desta pesquisa, estamos verificando *sítes* que se diferem da forma de produção dos jornais, mas que, no entanto, também precisam estabelecer uma posição única no mercado.

Nesse sentido, vale destacar a necessidade de que o veículo de comunicação pense no público a quem está destinando sua reportagem. Para escolhermos uma reportagem veiculada na rede de coletivos Jornalistas Livres, que pudesse resumir o seu posicionamento em relação ao fenômeno objeto de estudo desta pesquisa, observamos que quase todas as matérias relacionadas ao bolsonarismo possuem adjetivos negativos. Desse modo, é possível concluirmos que os Jornalistas Livres destinam suas matérias a um público progressista, tentando se destacar neste segmento.

Para exemplificarmos o posicionamento do meio de comunicação, a seguir vemos o título e a linha apoio da reportagem escolhida, publicada em 27 de agosto de 2020, que nos permite resumir não só a perspectiva da rede de coletivos *Jornalistas Livres*, mas também a visão da mídia alternativa como um todo em relação ao bolsonarismo:

Figura 25 - Título e linha de apoio da reportagem do *síte* Jornalistas Livres

Querem uma boa notícia? O bolsonarismo está sendo derrotado!

O imaginário popular alimentado pelo reformismo petista está derrotando o bolsonarismo, ainda que esteja fortalecendo Bolsonaro

+

FONTE: Jornalistas Livres. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/querem-uma-boa-noticia-o-bolsonarismo-esta-sendo-derrotado/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

Para Damasceno (2013, p.22), o título: “Além de nomear a notícia também é utilizado para chamar atenção para o assunto, tanto pela abordagem do texto quanto pelo destaque gráfico (peso visual) conferido a ele”. Nesse sentido, é possível notarmos o claro posicionamento oposicionista que faz o *síte* em relação ao bolsonarismo. Notamos que o título possui um tom de comemoração, ao afirmar que o fim do bolsonarismo é uma boa notícia. Percebemos também o “entusiasmo” por

meio de um ponto de exclamação que sucede o adjetivo “derrotado” ao se referir ao fenômeno.

Ainda de acordo com Damasceno (2013, p.23), a linha de apoio: “é uma forma de complementação do título, dando-lhe sustentação. Também é chamada de linha-fina, subtítulo ou sutiã e usualmente fica abaixo do título”. A linha de apoio da matéria reforça a ideia de que a mídia alternativa apoia governos progressistas, uma vez que afirma que as reformas feitas nos governos petistas se mantêm vivas no imaginário da população brasileira. Vale destacar que os governos do ex-presidente Lula e de sua sucessora e companheira de partido, Dilma Rousseff, notabilizaram-se por programas sociais, como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e Luz para Todos.

A linha de apoio também demonstra se preocupar com uma possível “apropriação”, por parte de Bolsonaro, dos programas sociais desenvolvidos nos anos em que o partido dos trabalhadores esteve à frente da presidência. Ao dizer: “ainda que esteja fortalecendo Bolsonaro”, a linha fina faz referência ao auxílio emergencial,¹³ disponibilizado pelo governo de Jair Bolsonaro, no período da pandemia, em que o Presidente viu sua popularidade aumentar. Esse recurso que favoreceu a população mais pobre do País muito se assemelha aos programas sociais petistas antes citados.

De acordo com Franciscato (1999):

A produção noticiosa é a afirmação de um poder individual do jornalista de construir relatos, mas, ao mesmo tempo, de sua dependência à participação e contribuição de outras pessoas e também de sua vinculação aos constrangimentos estruturalmente impostos pela empresa jornalística e por instituições de outros campos sociais. (FRANCISCATO, 1999, p.10).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que, em determinados casos, a opinião de um veículo de comunicação não reflete exatamente a ideia do jornalista. A rede de coletivos Jornalistas Livres, como o próprio nome indica, visa dar autonomia aos jornalistas pertencentes ao grupo. Vale destacar que essa autonomia é permitida, até certo ponto, se considerarmos que os jornalistas podem emitir opiniões, desde que respeitem o espectro político do coletivo. Dificilmente veremos

¹³ Auxílio disponibilizado pelo Governo Federal que tem o objetivo de minimizar as consequências da pandemia do novo Coronavírus. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/auxilio/auxilio2021/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

um jornalista do *Jornalistas Livres* dar alguma opinião favorável ao campo conservador.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a *Revista Veja*, com raríssimas exceções, permite que algum jornalista emita uma opinião que destoe excessivamente de seu perfil editorial. A *Veja*, assim como o *Jornalistas Livres*, também precisou adotar uma posição clara para se destacar no mercado a fim de se apresentar como um veículo de comunicação único. (DAMASCENO, p.10). Desse modo, a reportagem jornalística escolhida para análise, como representante não só da *Revista Veja*, mas da grande mídia em relação ao bolsonarismo, intitula-se: *Decisão de Fachin personifica o bolsopetismo e mostra a saída para 2022*.

Seguindo a perspectiva que apresentamos até aqui, de que a grande mídia, inicialmente, condescendia com alguns aspectos do bolsonarismo e que posteriormente desvinculou-se da imagem do governo de Jair Bolsonaro, julgou-se pertinente analisar tal reportagem.

Figura 26 - Título e linha de apoio da reportagem da *Revista Veja*

Política

Decisão de Fachin personifica o bolsopetismo e mostra a saída para 2022

Lula e Bolsonaro precisam um do outro e representam um embate do que há de pior nas duas extremidades

FONTE: *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jorge-pontes/decisao-de-fachin-personifica-o-bolsopetismo-e-mostra-a-saida-para-2022/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

O título da reportagem jornalística veiculada na *Revista Veja*, denota uma clara posição contrária tanto ao campo progressista representado pelo ex-presidente Lula, quanto ao campo conservador representado pela figura do presidente Jair Bolsonaro. É preciso ressaltar que, a contrariedade ao campo conservador se limita ao presidente, visto que como apresentamos no decorrer da pesquisa, a *Veja* está alinhada com a visão conservadora. O título traça perspectivas para as eleições de 2022 e a revista objetiva colocar Lula e Bolsonaro em simetria quando usa o termo bolsopetismo. Desse modo, a narrativa que se constrói é de dar características de

Lula à Bolsonaro e vice-versa. Outro aspecto que o título nos permite interpretar é de que na visão da *Revista Veja*, o próximo presidente precisa ser alguém mais ao centro, se considerarmos que, na avaliação do veículo, Lula está na extrema esquerda, Bolsonaro na extrema direita e o título diz que a saída para 2022 é se opor a ambos.

A linha de apoio segue a mesma lógica, afirmando que os dois possíveis candidatos à presidência de 2022 representam um embate de extremos. Cabe notarmos que, quando fizemos a análise das contradições das narrativas jornalísticas, em um determinado período, a *Revista Veja* não via Lula como alguém que representava uma extremidade ideológica.

Na sequência da análise, vemos a fotografia que cada veículo escolheu para utilizar em suas reportagens jornalísticas:

Figura 27 - Fotografia utilizada pela revista *Veja*



FONTE: *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jorge-pontes/decisao-de-fachin-personifica-o-bolsopetismo-e-mostra-a-saida-para-2022/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

Figura 28 - Fotografia utilizada pelo site *Jornalistas Livres*



FONTE: *Jornalistas Livres*. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/querem-uma-boa-noticia-o-bolsonarismo-esta-sendo-derrotado/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

A fotografia escolhida pela *Revista Veja* apresenta lado a lado Bolsonaro e Lula, reafirmando o objetivo principal da reportagem, que é colocá-los como figuras que representam causas distintas, mas que, na visão do veículo, são prejudiciais para o futuro do Brasil.

Já a fotografia escolhida pela rede de coletivos *Jornalistas Livres* segue fielmente a postura oposicionista ao bolsonarismo. Vale destacar que é possível notarmos características do surgimento das mídias alternativas, quando o veículo opta por uma charge¹⁴, que era bastante utilizada no período do regime militar. Jornais alternativos da época utilizavam-se do humor para expor suas posições contrárias ao regime. Na charge da reportagem, temos o ministro da economia do governo de Jair Bolsonaro sendo “fritado”. Quando Bolsonaro “frita” Paulo Guedes, significa que o presidente está fazendo uso de medidas populistas (auxílio emergencial) para ganhar popularidade. Guedes, que representa uma ala neoliberal do bolsonarismo, neste caso, está sendo contrariado.

De acordo com Franciscato (1999):

A construção da notícia se processa a partir de noções comuns já incorporadas e partilhadas entre repórteres, fontes de informação e público. O trabalho do jornalista será entrar em interação com outros atores para, num processo coletivo, colher, questionar e reelaborar informações e impressões com uma rede de atores sociais para construir um relato jornalístico. O produto noticioso terá sempre essa convergência entre princípios e valores internalizados pelo jornalista e princípios presentes no ambiente social em que esta produção é construída. (FRANCISCATO, 1999, p.10).

Dessa forma, percebe-se que o resultado final de uma reportagem jornalística, não depende apenas da percepção do jornalista, mas de uma rede de atores sociais que possuem relação direta com a construção da notícia. Nesse sentido, vemos que as reportagens analisadas trazem características dos veículos quais foram publicadas.

Para Damasceno (2013, p.23), o corpo de texto é: “parte do texto onde os conteúdos são desenvolvidos pelos colaboradores. Assim como os demais elementos textuais, evidencia parte da personalidade da publicação através do uso de tipografia padrão escolhida pelo jornal”. A seguir, temos um trecho retirado da

¹⁴ É um gênero textual que faz críticas por meio do humor. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/o-que-e-charge/. Acesso em: 03 de junho de 2021.

reportagem jornalística do *site* da Revista Veja e um trecho retirado da reportagem jornalística do *site* Jornalistas Livres:

Figura 29 - Trecho do texto retirado da reportagem da Veja

Teremos, com Lula e Bolsonaro, na realidade, um monstro de duas cabeças, o bolsopetismo efetivamente personificado numa disputa que não queremos e da qual não precisamos. Lula e Bolsonaro precisam um do outro e representam um clash do que há de pior nas duas extremidades.

Representam candidaturas que aprofundam a figura do anti-eleitor, do cidadão que vai à urna dizer não, isto é, que nunca escolhe o melhor para o país.

Lula pode ter recuperado a elegibilidade, mas segue desmoralizado por tudo que foi trazido à luz sobre os esquemas de corrupção do PT, enquanto Bolsonaro assiste a sua popularidade derretendo por conta das inúmeras crises que ele mesmo provocou, num governo absolutamente desastroso em todas as áreas, e que em muito já se assemelha aos governos petistas.

FONTE: Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jorge-pontes/decisao-de-fachin-personifica-o-bolsopetismo-e-mostra-a-saida-para-2022/>. Acesso em: 22 de maio de 2021

Figura 30 - Trecho do texto retirado da reportagem do Jornalistas Livres

O presidente quer ampliar o Bolsa Família, no valor do benefício e no número de famílias contempladas. Quer retomar o Minha Casa Minha Vida, com linha de crédito especial para o Norte, Nordeste.

Pra isso, vai ter que romper com a religião de Paulo Guedes, vai ter que romper com o bolsonarismo também. E já está fazendo isso. Guedes já está sendo fritado.

A realidade desse país periférico, de modernização incompleta, exige que o Estado atue como potência provedora de direitos sociais. O reformismo petista ampliou, de forma inédita, essa demanda por direitos.

FONTE: Jornalistas Livres. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/querem-uma-boanoticia-o-bolsonarismo-esta-sendo-derrotado/>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

Os trechos escolhidos reafirmam a ideia dos títulos e linhas de apoio. Enquanto no texto da reportagem da *Revista Veja* notamos o descontentamento, tanto com Bolsonaro quanto com Lula, no texto da reportagem do *Jornalistas Livres*, há certo receio de que o presidente ganhe popularidade, em virtude de programas sociais promovidos pelo partido dos trabalhadores, que Bolsonaro quer ampliar.

Os textos corroboram com o pensamento de Damasceno (2013), quando deixam transparecer a personalidade do veículo de comunicação. Fica evidente que a *Veja* busca uma alternativa ao campo progressista, representado por Lula, e também se nega a ser favorável ao governo de Jair Bolsonaro. A avaliação do veículo é de que Bolsonaro faz um governo “desastroso em todas as áreas”.

Considerando todos os aspectos que estudamos na pesquisa e a análise das reportagens jornalísticas, nota-se que a mídia alternativa narra o bolsonarismo na atual conjuntura política com base em suas origens, como mídia que historicamente esteve presente no campo progressista e que naturalmente se opõe a um fenômeno oriundo de um presidente representante do campo conservador. Em contrapartida, a grande mídia, em sua maioria, enxerga o bolsonarismo como um fenômeno que possui características que impedem o desenvolvimento do País.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tratou de analisar as narrativas midiáticas em relação ao bolsonarismo. Nesse sentido, buscou-se apresentar o fenômeno, por meio da comparação de diferentes perspectivas. Procuramos respostas no surgimento do jornalismo brasileiro e percebemos uma relação de dicotomia que se origina dos primeiros jornais e que permanece viva até os dias atuais. Notamos que, em determinados períodos históricos, as narrativas jornalísticas se manifestaram de maneira contraditória, uma vez que os meios de comunicação analisados, inicialmente, tinham posicionamentos que se modificaram à medida que interesses não foram atendidos e posições esperadas pelos veículos de comunicação em relação a atores políticos não se concretizaram.

No decorrer da pesquisa, notamos a importância da correlação jornalismo-política para a sociedade, através do pensamento de alguns autores como: Juarez Bahia (1990), Nelson Traquina (2005) e Hannah Arendt (2002). Inicialmente, verificamos dois períodos históricos: a ditadura militar e o *impeachment* de Dilma Rousseff para que pudéssemos notar a relação dicotômica presente nas mídias brasileiras, a fim de relacionarmos o passado com o fenômeno objeto de estudo desta monografia.

Para elucidarmos as diferentes vertentes de narrativas, ativemo-nos, principalmente, às ideias de Luiz Gonzaga Motta (2005) e Walter Benjamin (1994). A partir deles, conseguimos traçar paralelos, relacionando um pensamento à grande mídia e o outro à mídia alternativa brasileira. Nesse sentido, foi possível concluirmos que, desde o surgimento dos primeiros jornais brasileiros, temos uma mídia voltada para os interesses conservadores e uma mídia voltada para o campo progressista.

Com base no referencial teórico, caracterizamos o bolsonarismo através do pensamento de Maitino (2020) e Loff (2019) e o apresentamos como fenômeno que redirecionou a perspectiva brasileira em diferentes setores. Para justificarmos a posição de que o Brasil tomou novos rumos desde a chegada de Jair Bolsonaro ao poder, mostramos algumas áreas em que o Brasil de hoje se diferencia do Brasil de um passado não muito distante, como nas relações exteriores e no meio ambiente.

Vimos que características do bolsonarismo são bastante particulares e destoam, em alguns aspectos, de fenômenos brasileiros do passado. Podemos perceber algumas delas como: o radicalismo, o conservadorismo, a relação com a

religião evangélica, alguns traços totalitários, discurso hegemônico e o confronto com a constituição brasileira.

O último capítulo teve como objetivo analisar duas reportagens jornalísticas, veiculadas em meios de comunicação, as quais vão ao encontro da perspectiva que trabalhamos durante a pesquisa de dicotomia de narrativas. A ideia foi apresentar as reportagens sob a ótica da mídia alternativa, representada pelo *site* da rede de coletivos *Jornalistas Livres* e a visão da grande mídia, representada por meio do *site* da *Revista Veja*. Ambas as reportagens buscaram elucidar a forma como cada veículo enxerga o bolsonarismo na atual conjuntura política.

As reportagens escolhidas para a análise tiveram como base referencial o artigo: *Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos*, de Damasceno (2013), e o artigo: *A disputa e o conflito na construção da notícia política*, de Franciscato (1999). Desse modo, as reportagens escolhidas se intitularam: *Querem uma boa notícia? O bolsonarismo está sendo derrotado!* (*Jornalistas Livres*) e *Decisão de Fachin personifica o bolsopetismo e mostra a saída para 2022* (*Veja*).

O objetivo principal da pesquisa foi analisar o fenômeno bolsonarismo por meio da comparação de narrativas midiáticas, apresentando também, através dos objetivos específicos, as questões que discorreremos no decorrer do capítulo. A pesquisa conseguiu cumprir com todos os seus objetivos. Por meio dela, foi possível entender o posicionamento das mídias em relação ao fenômeno e a razão pelas quais o veículo apresenta o bolsonarismo de determinada maneira. Também vimos que a relação jornalismo-política está envolta de poderes e paixões, ambos detentores de possibilidades e potencialidades de modificar a sociedade.

O intuito deste trabalho é poder contribuir com os pesquisadores das áreas da Comunicação e Política, bem como com a sociedade de modo geral, no sentido de que possamos debater ideias e que haja sempre a possibilidade de pensarmos diferente. Não há como pensar o futuro da sociedade, sem que respeitemos a democracia. É por meio dela que podemos fazer do Brasil um País menos desigual, mais plural e inclusivo. Nota-se que o campo do jornalismo político é amplo, com inúmeras possibilidades de pesquisa. O bolsonarismo não será o último fenômeno a ser objeto de estudo na história política brasileira.

Particularmente, produzir este trabalho foi desafiador em diversos aspectos. Manter-se fiel à ideia inicial de falar sobre um assunto político, que lida com paixões

e afetos, sem me descolar das minhas diretrizes foi um dos desafios. O maior deles, no entanto, foi a responsabilidade de transmitir ao leitor o meu desejo por democracia.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **O Que é Política?** (Trad.). Reinaldo Guarany. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo** (Trad.). Roberto Raposo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. 4.ed. rev. e aumen. São Paulo: Ática, 1990.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de saberes na pesquisa em turismo**: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342 - 355, 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAMPOS, João Pedro de. Quem são os treze candidatos à Presidência da República em 2018. **Veja**, São Paulo, 15 ago. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/quem-sao-os-13-candidatos-a-presidencia-da-republica-em-2018/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão**. São Paulo: todavia, 2019.

CARVALHO NETO, Tarcisio Vieira de. O princípio da alternância no regime democrático. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, n.196, p. 165 - 182, out - dez. 2012. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/49/196/ril_v49_n196_p165.pdf. Acesso em: 23 mai. 2021.

COOK, Timothy. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 203 - 247, jul - dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1884>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CORTEZ, Verônica Aravena. A cobertura das eleições de 2002 e da posse de Lula. **Observatório da Imprensa**, 04 mai. 2004. Disponível em: <http://www.observatorio.daimprensa.com.br/diretorio-academico/a-cobertura-das-eleicoes-de-2002-e-da-posse-de-lula/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

DALMONTE, Edson Fernando. **Narrativa Jornalística e Narrativas Sociais**: Questões acerca da Representação da Realidade e Regimes de Visibilidade. Salvador. p. 216-232, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri>

/1802/1/Narrativa%20jornal%C3%ADstica%20e%20narrativas%20sociais.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021

DAMASCENO, Patrícia Lopes. **Design de Jornais**: projeto gráfico, diagramação e seus elementos, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A disputa e o conflito na construção da notícia política**, 1999. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1873/1/DisputaConstrucaoNoticiaPolitica.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. São Paulo: Editora página aberta, 1991.

LADEIRA, Francisco Fernandes. Mídia ajudou a criar Bolsonaro e o bolsonarismo, mas diz não ter nada a ver com isso. **Observatório da Imprensa**, 12 mai. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/sem-categoria/midia-ajudou-a-criar-bolsonaro-e-o-bolsonarismo-mas-diz-nao-ter-nada-a-ver-com-isso/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LIMA, Samuel. Democracia e jornalismo: uma dissonância histórica no Brasil. **Observatório da Imprensa**, Florianópolis, 01 out. 2019. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/historia/democracia-e-jornalismo-uma-dissonancia-historica-no-brasil/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

LOFF, Manuel. “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”. [Entrevista concedida a] Ricardo Viel. **Agência Pública**, São Paulo, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/>. Acesso em: 08 mai. 2021.

MAITINO, Martin Egon. Populismo e bolsonarismo. **Cadernos Cemarx**, Campinas, n. 13, p.1 - 20, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167/9729>. Acesso em: 08 mai. 2021.

MARINGONI, Gilberto. Um presidente feito e desfeito pela imprensa. [Entrevista concedida a] Sandro Moser. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 jun. 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/impeachment-20-anos/um-presidente-feito-e-desfeito-pela-imprensa-2zd0gilpep3bxuw32brc3fd5a/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. **Intercom**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

REIS, Aarão Daniel. Notas para compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1 - 11, jan.- abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36709>. Acesso em: 03 mar. 2021.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político**: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. **Meridiano 47**, Brasília, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/27792/24440>. Acesso em: 15 mai. 2021.

VILLA, Marco Antonio. **Collor Presidente**: Trinta meses de turbulências, reformas, intrigas e corrupção. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Sites:

BLOG DO CARLOS MAIA. **As capas golpistas da revista Veja**. Disponível em: <http://blogdocarlosmaia.blogspot.com/2012/03/as-capas-golpistas-da-revistavejanuma.html>. Acesso em: 24 abr. 2021.

CNM. **Duas capas: Serra ajuda a Veja e Veja ajuda Serra em 2002 e 2010**. Disponível em: <https://www.cnmcut.org.br/conteudo/duas-capas-serra-ajuda-a-veja-e-veja-ajuda-serra-em-2002-e-2010?id=1232&category=0>. Acesso em: 23 abr. 2021.

DATAFOLHA. **FHC encerra mandato com reprovação maior do que aprovação**. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2002/12/1222326-fhc-encerra-mandato-com-reprovacao-maior-do-que-aprovacao.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2021.

DCM. **Site de história seleciona as 'piores capas' da Veja durante a ditadura**. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/site-de-historia-seleciona-as-piores-capas-da-veja-durante-a-ditadura/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

EXAME. **PGR pede abertura de inquérito para apurar protestos antidemocráticos**. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pgr-pede-abertura-de-inquerito-para-apurar-protestos-antidemocraticos/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Na disputa mais acirrada da história, Dilma é reeleita presidente do Brasil**. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1537894-dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil.shtml>. Acesso em: 01 abr. 2021.

G1. Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>. Acesso em: 16 mai. 2021.

IG. A entrevista de Pedro Collor à Veja. Disponível em:

<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-05-22/a-entrevista-de-pedro-collor-a-veja.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

JUS BRASIL. Da misoginia à pirotecnia. Disponível em:

<https://csalignac.jusbrasil.com.br/noticias/335999016/da-misoginia-a-pirotecnia>. Acesso em: 04 abr. 2021.

JORNALISTAS LIVRES. Querem uma boa notícia? O bolsonarismo está sendo derrotado! Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/querem-uma-boa-noticia-o-bolsonarismo-esta-sendo-derrotado/>. Acesso em: 22 mai. 2021.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Origens do golpe. Disponível em:

<http://memoriasdadtadura.org.br/origens-do-golpe/>. Acesso em: 03 abr. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. Debate Collor x Lula. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

NO MINUTO. Istoé mostra o estrago à imagem do Brasil provocado por Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://nominuto.com/noticias/revistas-semanais/istoe-mostra-o-estrago-a-imagem-do-brasil-provocado-por-jair-bolsonaro/190479/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Passando a boiada. Disponível em:

<https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2021/01/Passando-a-boiada-1.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2021.

PODER 360. Apoiadores de Bolsonaro fazem protesto em Brasília e pedem intervenção militar. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/brasilia/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-protesto-em-brasilia-e-pedem-intervencao-militar/>. Acesso em: 09 mai. 2021.

POLITIZE. Por que Collor sofreu impeachment? Disponível em:

<https://www.politize.com.br/impeachment-collor-porque-sofreu/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SENADO NOTÍCIAS. O que é e como funciona uma CPI. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/15/o-que-e-e-como-funciona-uma-cpi>. Acesso em: 17 abr. 2021.

TCE. **Sumário de periódicos.** Disponível em:

<https://www.tce.ba.gov.br/biblioteca/servicos/sumarioperiodicos/sumario/visualizar/91/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

UOL. **Em homenagem aos seus 50 anos, todas as edições do Pasquim serão disponibilizadas online.** Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/em-homenagem-aos-50-anos-de-existencia-todas-edicoes-do-pasquim-estara-disponiveis-online.phtml>. Acesso em: 03 abr. 2021.

VEJA. **Decisão de Fachin personifica o bolsopetismo e mostra a saída para**

2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jorge-pontes/decisao-de-fachin-personifica-o-bolsopetismo-e-mostra-a-saida-para-2022/>. Acesso em: 22 mai. 2021.

VEJA. **Vinte motivos de Collor para odiar a VEJA. Ou: O PT de antes e o PT de agora.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/vinte-motivos-de-collor-para-odiar-a-veja-ou-o-pt-de-antes-e-o-pt-de-agora/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

APÊNDICE A – PROJETO DE MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

KLISMAN DE OLIVEIRA

**O BOLSONARISMO ANALISADO ATRAVÉS DA NARRATIVA DAS MÍDIAS
TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS**

Caxias do Sul

2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

KLISMAN DE OLIVEIRA

**O BOLSONARISMO ANALISADO ATRAVÉS DA NARRATIVA DAS MÍDIAS
TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS**

Projeto de Monografia apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Monografia I.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista

Caxias do Sul

2020

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A imprensa alternativa no período do regime militar.....	19
Figura 2 – Jornais da época dão destaque a Bolsonaro.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
1.1 PROCESSO DE DESCOBERTA	06
2 TEMA	08
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	08
3 JUSTIFICATIVA.....	09
4 QUESTÃO NORTEADORA	12
5 OBJETIVOS	13
5.1 OBJETIVO GERAL	13
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
6 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	14
7 REFERENCIAL TEÓRICO	17
7.1 MÍDIA TRADICIONAL	18
7.2 MÍDIA ALTERNATIVA.....	19
7.3 BOLSONARISMO	19
7.4 JORNALISMO POLÍTICO	21
8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	22
9 CRONOGRAMA	23
10 REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá tratar do fenômeno Bolsonarismo através de diferentes perspectivas midiáticas. O cenário político tem se modificado constantemente não só no Brasil, mas no mundo todo, ao menos é assim em países que adotaram a democracia como prática. A alternância do poder é imprescindível, para que a soberania popular se consolide. Faz parte do jogo político que diferentes ideologias e visões diferentes de mundo possam vencer, se assim, for o desejo da maioria da população.

No Brasil, entre 1995 e 2016, tivemos um longo período de hegemonia no governo, entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT), para que, apenas em 2018 ocorresse uma troca no mais alto cargo do executivo brasileiro: a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República, do então Partido Social Liberal (PSL).

A vitória de Jair Bolsonaro rompe com um período de mais de vinte anos que perdurou em nosso País, o Presidente vence as eleições derrotando o adversário petista Fernando Haddad, com uma diferença de mais de 10 milhões de votos, no segundo turno das eleições presidenciais. Tal popularidade só poderia ter alguém com milhares de apoiadores, e é nesse contexto que surge o fenômeno intitulado de bolsonarismo.

Grande parte da mídia tradicional brasileira, de algum modo, modificou-se, no sentido de que, inicialmente parecia compactuar com algumas ideias voltadas ao liberalismo econômico que representou a vitória de Bolsonaro nas eleições, atualmente, no entanto, o Presidente é duramente criticado por parte desta mesma mídia, como escreveu Villa (2020):

Ele não consegue tratar de qualquer projeto de governo. Resume suas considerações a frases curtas que, ao invés de representar uma capacidade exemplar de síntese, são as mais perfeitas traduções da sua incapacidade para o exercício de principal dirigente do Executivo Federal. Isto poderia ser até relevado se o país estivesse caminhando bem tanto na saúde, educação, economia. Infelizmente não é o caso. (VILLA, 2020, p.1).

Em contrapartida, a mídia alternativa, em sua maioria, manteve um posicionamento mais linear, tanto os que criticavam e continuam a criticar o bolsonarismo, quanto os que se mantêm fiel ao presidente e seus apoiadores, afinal, apesar de não serem maioria, existem mídias alternativas que estão dentro de um espectro político alinhado ao do Presidente Jair Bolsonaro, e que, portanto, continuam a compactuar com seus posicionamentos.

Nesta pesquisa, o objetivo é analisar através de diferentes narrativas midiáticas o bolsonarismo, e de que forma este fenômeno se tornou tão popular no Brasil, bem como, pretende-se compreender seus pilares, suas ideias e de que modo ele atua em nossa sociedade. Para isso, a pesquisa será estruturada nos seguintes capítulos:

1. Introdução;
2. Aspectos metodológicos;
3. Jornalismo e narrativas;
4. Universo midiático e comparação de narrativas: mídias tradicionais x mídias alternativas;
5. Bolsonarismo;
6. Jornalismo Político;
7. Considerações;
8. Referências;
9. Anexos.

1.1 PROCESSO DE DESCOBERTA

Desde muito jovem o idealizador desta pesquisa se sente atraído pela política e pela forma com que ela retrata a sociedade. Afinal, as pessoas escolhidas

para representarem o povo devem conter traços que se assemelham com quem lhes colocou no poder.

Desde a chegada do Presidente Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, o pesquisador se sente instigado em compreender quais são as características do grupo que rodeia o atual presidente. Desse modo, o acadêmico optou pelo tema do projeto, porque vê na Política e no Jornalismo a solução para tentar compreender o outro, através do diálogo, da empatia e do respeito, do mesmo modo que enxerga, nesse campo de atuação, um viés para que se modifique a sociedade. É de suma importância que estejamos diariamente tentando entender fenômenos que influenciam a vida de todos.

Mesmo os indivíduos despolitizados, os que apoiam ou criticam o bolsonarismo estão tendo suas vidas modificadas, haja vista que um grupo de pessoas, quando bem organizado, tem o poder de escolher quem representará o povo em sua totalidade.

Esta pesquisa busca responder como o bolsonarismo se consolidou como fenômeno, quais suas semelhanças com outros fenômenos, de que forma ele atua no Brasil e suas peculiaridades, através das diferentes narrativas midiáticas brasileiras. Ademais, a pesquisa tem o intuito de contribuir para o esclarecimento do assunto e, que nesse sentido, o leitor possa formar sua opinião perante o que for dito no decorrer deste trabalho. Também se pretende colaborar com o Jornalismo Político, de forma ética se atendo apenas aos fatos.

2 TEMA

Jornalismo e Política.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A narrativa das mídias tradicionais e alternativas relacionadas ao bolsonarismo. Um estudo a partir da análise da revista Veja e do site Jornalistas Livres.

3 JUSTIFICATIVA

O tema escolhido para a pesquisa, como já citado na introdução, busca compreender, através das mídias tradicionais e alternativas, de que forma o bolsonarismo atua em nossa sociedade.

O acadêmico idealizador desse projeto vê no Jornalismo Político um meio para que tenhamos uma sociedade mais inclusiva, justa, igualitária e que acolha a todos e a todas, sem distinção de qualquer natureza, como prevê o artigo 5º¹⁵ da Constituição Federal de 1988.

Esta pesquisa tem por objetivo prezar pela democracia no Brasil, para que que, através dela, possamos construir sujeitos livres, críticos e independentes. A liberdade e a democracia não podem ser dissociadas, no sentido de que a liberdade é coletiva e inclusiva, como explica Cortella (2020):

A minha liberdade não acaba quando começa a do outro, a minha liberdade acaba quando acaba a do outro. Se algum ser humano não é livre, nenhum ser humano é livre; se alguma criança não for livre da falta de escolarização, ninguém é livre; se alguma mulher não for livre da falta de segurança em relação às suas escolhas, ninguém é livre; se alguma pessoa não for livre da falta de trabalho digno, de saúde decente e de religião que não seja aprisionadora, ninguém é livre. Nesse sentido, o exercício da liberdade se dá em meio à coletividade. (CORTELLA, 2020, p.1).

Assim sendo, o Jornalismo político cumpre um papel essencial para o fortalecimento de uma sociedade livre e democrática, o objetivo do jornalista político dentre outras funções, é prestar contas à sociedade, de modo que, a política trabalhe para o bem-estar social de todos.

Mesmo que alguns fatores interfiram na relação entre o Jornalismo e a Política, eles estão intimamente relacionados e sendo diariamente cobrados pela sociedade como afirma Barreto (2006):

¹⁵ Constituição federal (1988). Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

O relacionamento jornalismo e política é historicamente polêmico e paradoxalmente intercomplementar. Esse intercâmbio está permanentemente envolto em circunstâncias de pressões e contrapressões de bastidores, bem como nos interesses econômicos das empresas jornalísticas, ao mesmo tempo em que o imperativo de informar bem é socialmente cobrado. O público quer afirmações, rejeita infirmações ou meios termos. (BARRETO, 2006, p.14).

Quando abordamos o bolsonarismo, logo nos deparamos com o sufixo *ismo* no grego – *ismos*, que significa um conjunto de ideias, uma doutrina, um sistema político e é nesse sentido que tentaremos apresentar no decorrer da pesquisa este fenômeno. Para Leitão (2020) “Não há um conjunto orgânico de ideias que se possa chamar de ideologia bolsonarista. O conservadorismo que defendem não é o pensamento conservador clássico. É o reacionário, no sentido técnico de saudosismo de um passado idealizado”.

Criticado ou apoiado, o bolsonarismo é um fenômeno que redirecionou o Brasil tanto internamente quanto no exterior. A imagem do nosso País no noticiário internacional desde a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República, infelizmente tem sido negativa, e o principal fator, para tal afirmação, é a forma com que o Presidente vem lidando com as questões ambientais do País, principalmente na Amazônia e no Pantanal, que, desde o início de seu governo, vem sofrendo com queimadas.

De acordo com o site O Globo, o orçamento de 2020 para o combate e fiscalização de queimadas era de 173,8 milhões de reais; entretanto, o governo gastou apenas 35,6% deste valor.

Outro fator que contribui para as constantes críticas ao Presidente, no exterior, tem sido a forma com que Bolsonaro vem conduzindo a questão da pandemia do novo coronavírus. Enquanto a esmagadora maioria dos Países adotaram políticas de isolamento social e fechamento da economia, como indicou a OMS¹⁶, Bolsonaro optou pelo inverso.

Outros aspectos relacionados à diplomacia brasileira também foram controversos e colaboraram para o desgaste da imagem do Brasil

¹⁶ Sigla que abrevia: Organização Mundial de Saúde subordinada à Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em: 27 de setembro de 2020.

internacionalmente, como a aproximação com Israel; o reconhecimento do Presidente autointitulado Juan Guaidó, na Venezuela; a indicação de seu filho Eduardo Bolsonaro como embaixador do Brasil em Washington; o alinhamento com as políticas econômicas norte-americanas de Donald Trump; e os constantes atritos com a China como explica Vidigal (2019):

Quanto ao posicionamento do governo Bolsonaro em relação à China, cabe lembrar que nenhum dos governos ou presidentes anteriores havia colocado em dúvida a importância do país asiático na política externa do país. Ao visitar Taiwan, Bolsonaro colocava em questão o reconhecimento de “uma só China”, como já visto, e trazia para o diálogo com Pequim uma insegurança até então ausente. (VIDIGAL, 2019, p.11)

Nessa perspectiva, podemos perceber que, com as políticas externas adotadas pelo atual governo, somos quase um estado pária no contexto geopolítico mundial, considerando que outras nações estão tomando posicionamentos opostos aos nossos.

Nesta pesquisa, busca-se analisar o bolsonarismo por diferentes perspectivas midiáticas, a fim de contribuir com o debate público, o Jornalismo Político e os pesquisadores da área, tentando esclarecer este fenômeno que modificou o Brasil radicalmente.

4 QUESTÃO NORTEADORA

De que forma as mídias tradicionais e alternativas apresentam o bolsonarismo no Brasil?

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as diferentes narrativas das mídias tradicionais e alternativas relacionadas ao bolsonarismo.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- A. Discutir o conceito de narrativas jornalísticas;
- B. Entender o conceito de mídia tradicional e mídia alternativa;
- C. Caracterizar o bolsonarismo;
- D. Apresentar o bolsonarismo como fenômeno no Brasil por meio de diferentes perspectivas midiáticas;
- E. Analisar de que forma o bolsonarismo redirecionou a vida dos brasileiros;
- F. Refletir sobre o papel do Jornalismo Político na sociedade.

6 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

6.1 PESQUISA QUALITATIVA /ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCURSO

Considerando o tema central deste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa como diretriz de uma estratégia metodológica, uma vez que, Marconi e Lakatos (2008, p. 269) afirmam que “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”.

Nessa perspectiva, nota-se a importância da pesquisa qualitativa, no sentido de que precisamos compreender aspectos históricos para que possamos ter maior clareza, ao abordarmos fenômenos contemporâneos como são o bolsonarismo e as novas narrativas midiáticas, não descartando a importância da análise quantitativa, mas para o tema proposto, exige-se uma abordagem mais subjetiva proporcionada pela pesquisa qualitativa.

Para que possamos compreender de que forma o bolsonarismo é retratado, tanto por meio da mídia tradicional, quanto pela mídia alternativa, serão feitas as análises de conteúdo e discurso. De acordo com Bastos e Oliveira (2018):

A análise do discurso tem como foco compreender e refletir sobre os discursos que os sujeitos fazem para além daquilo que é óbvio no mesmo. Por exemplo, o tom de voz, o timbre, as pausas e o silêncio e a entonação. Na Análise de Conteúdo o objeto de estudo é o registro em si, presente em um texto, um documento, uma fala ou um vídeo. Em certo sentido, podemos inferir que a análise de conteúdo está contida na análise do discurso, mas o inverso não ocorre. (BASTOS e OLIVEIRA, p. 5)

Conforme afirmam os autores, percebe-se semelhanças e diferenças nas duas análises, no entanto, em ambas, notamos a importância de captar nos mais sutis detalhes alguns aspectos que nos levem a formar uma opinião a respeito do tema.

6.2 CARTOGRAFIA DOS SABERES

A estratégia metodológica adotada para a realização desta pesquisa é a Cartografia dos Saberes (BAPTISTA, 2014) estruturada em um conjunto de saberes científicos, que permite que o pesquisador se aproxime de seu objeto de estudo, em todos os âmbitos de sua vida.

Desse modo, acredita-se que tal estratégia dê ao acadêmico a possibilidade de analisar os fatos por diferentes vieses e explorar diferentes trilhas, até que se chegue a uma investigação sem pré-julgamentos, afastando-se de quaisquer pré-conceitos existentes em uma pesquisa científica. Nesse sentido, Goldenberg (2004, p.13) afirma que: “Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas”.

Sendo assim, este trabalho será estruturado através da Cartografia dos Saberes que se divide em quatro etapas:

- A. Saberes pessoais: São os conhecimentos diretamente atrelados às experiências do pesquisador. É a trilha em que são feitas anotações iniciais relacionadas às vivências do estudante;
- B. Saberes teóricos: São anotações e produções com embasamento teórico, tendo como referência bibliográfica, artigos, livros e todos os materiais científicos que sustentarão a pesquisa;
- C. Usina de produção: É a trilha em que a pesquisa se materializa, na qual o pesquisador põe em prática os saberes das fases anteriores. É o momento da ação através dos conhecimentos adquiridos a priori.
- D. Fase intuitiva: É a fase em que se respeita as infinitas trilhas que podem emergir no decorrer da pesquisa, sendo assim, o pesquisador pode trazer aspectos ao projeto de forma espontânea.

6.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica é fundamental para que esta monografia tenha embasamento teórico. Este trabalho está sendo realizado a partir de referências publicadas principalmente em mídias digitais, televisivas e impressas. Para Macedo (1994) a pesquisa bibliográfica:

É a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses, etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final). (MACEDO, 1994, p.13)

Desse modo, no que tange a pesquisa, é importantíssimo que vejamos o que dizem pesquisadores da área sobre as diferentes narrativas midiáticas, o bolsonarismo, e o Jornalismo Político para tratarmos dos assuntos com maior propriedade.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 MÍDIA TRADICIONAL

Nesta pesquisa, ao tratarmos de mídia tradicional, estaremos nos referindo à grande mídia, que são os veículos de comunicação com grande circulação no Brasil, que influenciam massas e um grande número de pessoas.

Desse modo, para compreendermos as diferentes narrativas utilizadas pelas mídias contemporâneas, a presente pesquisa fará uso de uma importante ferramenta de informação que é o observatório da imprensa¹⁷. Em entrevista cedida ao site, assim descreveu a mídia tradicional (grande mídia), Francisco Fernandes Ladeira (2020):

A atuação da grande mídia como uma espécie de partido político das forças conservadoras de nossa sociedade é uma questão bastante recorrente em meus textos. Ao contrário dos discursos que apontam uma suposta neutralidade jornalística, os principais grupos de comunicação do país servem aos interesses da elite econômica. Nessa linha, há a criminalização de movimentos sociais, apoio às privatizações, editoriais favoráveis aos cortes de direitos básicos da população e as manipulações sobre greves são ressaltados apenas os transtornos para os cidadãos, raramente são mencionadas as reivindicações dos trabalhadores. (LADEIRA, 2020).

Nesse sentido, o autor destaca a atuação da mídia tradicional brasileira, quase como um partido ideológico a serviço de interesses de uma parcela da população. Conforme o autor, a grande mídia estaria alinhada com os interesses da elite econômica, no entanto, vale ressaltar que Bolsonaro foi eleito com grande participação deste perfil de eleitor nas eleições presidenciais de 2018 e ainda assim, faz duras críticas a alguns meios de comunicação tradicionais como observamos anteriormente. Considerando estes fatos percebemos como o Bolsonarismo é um fenômeno ímpar e intrigante.

¹⁷ É um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996. Nascido como site na web, em maio de 1998 o Observatório da Imprensa ganhou uma versão televisiva, produzida pela TVE do Rio de Janeiro e TV Cultura de São Paulo, e transmitida semanalmente pela Rede Pública de Televisão. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/sobre/>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

7.2 MÍDIA ALTERNATIVA

Ao abordar a mídia alternativa estaremos nos referindo àquela que possui um caráter independente e que abrange um número menor de pessoas quando comparada à grande mídia.

Algumas características ficam muito evidentes quando fazemos uma confrontação de narrativas como é o caso das mídias tradicionais e mídias alternativas, um exemplo concreto disso, é a segmentação do público, enquanto a grande mídia trabalha para alcançar o maior número de pessoas, a mídia alternativa quase sempre se volta para um público bem específico.

Ao falarmos de mídia alternativa, teremos como principal referencial teórico o livro: *Jornalistas e Revolucionários de Bernardo Kucinski (1991)* que vê essa mídia ganhar notoriedade a partir de 1964, se opondo ao regime militar. De acordo com Kucinski (1991):

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. (KUCINSKI, 1991, p.5)

Nesse sentido, é possível notarmos que a mídia alternativa da época se posicionou contra o regime militar, aliás, o posicionamento em relação a alguns temas é uma característica bastante comum desta mídia, diferentemente da mídia tradicional, que normalmente transmite a informação sem que se opine a respeito do que foi noticiado.

FIGURA 1 – A imprensa alternativa no período do regime militar



Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/critica-de-cinema-fez-parte-da-resistencia-contra-o-regime-militar/> Acesso: 02 de novembro de 2020.

7.3 BOLSONARISMO

Para compreendermos o bolsonarismo como fenômeno, precisamos antes entender a construção de Bolsonaro como figura pública. Portanto, *O cadete e o capitão* (2019), de Luiz Maklouf Carvalho, é um livro essencial para nortear esta pesquisa, uma vez que, relata a vida de Jair Messias Bolsonaro, como então capitão do exército, que viria a se tornar Presidente da República em 28 de outubro de 2018.

Tudo teve início quando Bolsonaro publicou um artigo na revista *Veja*, reivindicando melhores salários aos militares, essa publicação repercutiu mal dentro do exército, que decidiu punir o capitão com quinze dias de prisão disciplinar, pois considerou que tal atitude transgredia o regulamento previsto da instituição. Desde então, a relação de Bolsonaro com a revista *Veja* é problemática.

No livro, Maklouf traz aspectos que corroboram para entendermos a construção da figura pública que se tornou Jair Bolsonaro a partir de 1986. A obra também analisa um processo enfrentado pelo Presidente à época, em que foi

acusado de estourar bombas em locais estratégicos no Rio de Janeiro; mais tarde o então capitão foi inocentado pelo Superior Tribunal Militar, entretanto, o autor levanta hipóteses que o fazem discordar da sentença do processo. Nesse sentido, Carvalho (2019) afirma:

O capitão do Exército Jair Messias Bolsonaro, presidente da República desde 1º de janeiro de 2019, foi julgado pelo Superior Tribunal Militar (STM) em 16 de junho de 1988 — lá se vão mais de trinta anos. Cinco meses antes, em janeiro, um conselho de justificação do Exército o considerara culpado, por 3 a 0, por ter tido “conduta irregular e praticado atos que afetam a honra pessoal, o pundonor militar [2] e o decoro da classe”. O STM o absolveu, por 9 a 4. Este livro, ao contar a vida de Jair Bolsonaro em seus quinze anos de quartel, questiona esse resultado. (CARVALHO, 2019, p.7)

FIGURA 2 – Jornais da época dão destaque a Bolsonaro



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mostras-de-imaturidade-livro-relata-vida-de-bolsonaro-nos-quarteis/> Acesso: 23 de outubro de 2020.

Os Jornalistas, Marco Antônio Villa, Miriam Leitão e Vera Magalhães também apresentam aspectos no decorrer deste trabalho fazendo referência ao bolsonarismo, que na visão de ambos, não se trata de um conjunto de ideias orgânicas que configure o fenômeno como uma ideologia.

7.4 JORNALISMO POLÍTICO

Para abordarmos o Jornalismo Político serão utilizados como referencial teórico os autores, sites e obras anteriormente citadas neste trabalho, com o acréscimo de algumas ideias do pesquisador, Timothy E. Cook (2011) que afirma:

O jornalismo deve ser considerado não só como uma instituição, mas também como instituição política; em outras palavras, os jornalistas são atores políticos. Isso não significa que os repórteres tenham lâminas políticas a afiar ou sigam conscientemente agendas partidárias ou ideológicas particulares. Ao contrário, o que complica estabelecer o papel político dos jornalistas é que sua influência política pode decorrer de sua adesão a princípios de objetividade e deferência aos fatos e sua distância “custe o que custar” em relação às consequências sociais e políticas de sua cobertura, e não a despeito dessa adesão. (COOK, 2011, p.1)

Nessa perspectiva, fica clara a importância do Jornalista Político como responsável por transmitir a verdade sobre os fatos “custe o que custar” mantendo-se afastado de paixões políticas, o que não significa que o jornalista político não possa aderir a um determinado posicionamento.

8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO 3. JORNALISMO E NARRATIVAS

CAPÍTULO 4. UNIVERSO MIDIÁTICO E COMPARAÇÃO DE NARRATIVAS: MÍDIAS TRADICIONAIS X MÍDIAS ALTERNATIVAS

CAPÍTULO 5. BOLSONARISMO

CAPÍTULO 6. JORNALISMO POLÍTICO

CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES

10 CRONOGRAMA

Atividade	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Revisão do referencial	X	X	X	X	X
Leituras e anotações	X	X	X	X	X
Produção Capítulos 1 e 2	X				
Produção capítulos 3, 4 e 5		X			
Produção capítulos 6 e 7		X	X		
Produção capítulos 8 e 9			X	X	
Entrega da monografia				X	
Banca					X

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de saberes na pesquisa em turismo**: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342- 355, 2014.

BARRETO, Emanuel. Jornalismo e política: a construção do poder. **Estudo em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v.3, n.1, p. 12-22, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2238>. Acesso em: 26 set. 2020.

BASTOS, Marcellus Henrique Rodrigues; OLIVEIRA, Ualison Rebula de. **Análise de discurso e Análise de Conteúdo**: Um breve levantamento bibliométrico de suas aplicações nas ciências sociais aplicadas da Administração. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/26322295.pdf> Acesso em: 16 out. 2020.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão**. São Paulo: todavia, 2019.

COOK, Timothy.E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, p. 203-247, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/O_jornalismo_politico.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. Liberdade só se exerce na vida coletiva; se alguém não é livre, ninguém é livre. **Huffpost**, São Paulo, 30 ago. 2020. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/cortellaliberdade_br_. Acesso em: 26 set. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991.

LADEIRA, Francisco Fernandes. **A grande mídia é uma espécie de partido político das forças conservadoras no Brasil**. Entrevistado por: equipe do Observatório da Imprensa. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/entrevista/a-grande-midia-e-uma-especie-de-partido-politico-das-forcas-conservadoras-no-brasil/>. Acesso em: 24 out. 2020.

LEITÃO, Miriam. Bolsonarismo é uma ideologia?. **O globo**, São Paulo, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/bolsonarismo-e-uma-ideologia.html>. Acesso em: 26 set. 2020.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2008.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. **Meridiano 47**, Brasília, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/27792/24440>. Acesso em: 27 set. 2020.

VILLA, Marco Antônio. Bolsonaro, um obtuso na Presidência. **Istoé**, São Paulo, 07 ago. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-um-obtuso-na-presidencia/>. Acesso em: 12 set. 2020.